

Andam lá agora obras.

E é de esperar que, transformada assim a casa onde se recolhiam noutro tempo os colegiais das ordens de Santiago da Espada e de S. Bento de Avis<sup>1</sup>, da imundice tradicional do Hospital dos Lázaros só fique a memória.

\*

Por causa da saída dos Lázaros de S. José dos Marianos houve renhida luta entre a Faculdade de Medicina, que de modo algum queria abandonar tal edificio, por não haver, em sua opinião, outro em Coimbra mais conveniente não só para residência dos asilados, mas ainda para *accommodar em separado a projectada repartição de doentes alienados*<sup>2</sup>, e as Religiosas Ursulinas, que desejavam estabelecer em Coimbra um colégio para a educação de meninas.

Foi uma questão tremenda de que afinal, conforme escrevia em 1882 Costa Simões, sublinhando ironicamente algumas palavras da prosa grave da sua *Noticia historica dos Hospitales da Universidade de Coimbra*, saiu *victoriosa a corporação do sexo fraco, com o poderoso auxilio do prelado da universidade e do governador civil de Coimbra*<sup>3</sup>.

As coisas devem-se ter passado pouco mais ou menos assim.

Um dia, aí pelos fins do ano de 1850, começou a correr pela Cidade um boato — as Ursulinas, que haviam saído da vila de Pereira, por ser insalubre, e se tinham recolhido, em Coimbra, no Convento de Santa Ana, desejavam, para instalar o seu colégio de meninas, o edificio de S. José dos Marianos.

E, como ganhasse vulto, o Dr. Macedo Pinto, na sua qualidade de Fiscal, chamou a atenção da Faculdade, na sessão do Conselho de 9 de Novembro, para a pretensão das religiosas<sup>4</sup>.

Mas ninguém parece ter ligado importância de maior ao caso, até que um dia surgiu o decreto, que a Rainha assinara em 21 de Junho de 1851, mandando transferir *o hospital dos lazarus... para o edificio do extincto collegio dos Jeronimos, ou para qualquer outro que a faculdade de medicina escolher em Coimbra, por ter sido destinado, para collocação do collegio das religiosas ursulinas de Pereira... o edificio do extincto convento de S. Jose dos Marianos da mesma cidade*<sup>5</sup>.

Foi só a 21 de Julho, ou seja um mês depois, que a Faculdade tomou conhecimento do decreto, resolvendo representar ao Govêrno sôbre a melhor forma de o executar<sup>6</sup>, na disposição manifesta de ganhar tempo, nada fazendo enquanto não viesse resposta.

Entretanto o Reitor, José Machado de Abreu, fazia sentir à Faculdade *que, fosse qual fosse a resolução do conselho... havia de instar com o director dos hospitales para executar o decreto, logo que, por parte da autoridade ou do collegio ursulino, apparecessem reclamações*<sup>7</sup>.

E, se bem o disse, melhor o fez, forte como estava com o apoio do Governador Civil que, num officio datado de 14 de Julho, declarava pôr à disposição da Reitoria todos os meios ao seu alcance para que o Colégio de S. José dos Marianos fôsse despejado<sup>8</sup>.

E o pobre Director dos Hospitais, intimado por uma portaria do Reitor a *despejar o edificio de S. Jose dos Marianos, e transferir os lazarus para o edificio de S. Jeronymo, enquanto*

<sup>1</sup> SIMÕES DE CASRTO, *Guia historico*, pág. 149.

<sup>2</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, págs. 56 e 57.

<sup>3</sup> *Idem, ibid.*, pág. 57.

<sup>4</sup> *Idem, ibid.*, pág. 58.

<sup>5</sup> *Idem, ibid.*, pág. 58 e 59.

<sup>6</sup> *Idem, ibid.*, pág. 60.

<sup>7</sup> *Idem, ibid.*, pág. 60.

<sup>8</sup> *Idem, ibid.*, pág. 59.

a faculdade de medicina não escolher outro, lá vinha, num imenso officio, escrito já depois da reunião da Faculdade, explicar as razões porque nada ainda fizera <sup>1</sup>.

Começava o Dr. Cesário por dizer que, embora o decreto desse à Faculdade o direito de escolher o edificio mais apropriado para receber os Lázaros, ainda ninguém a ouvira sôbre o caso.

Depois ennumerava os inconvenientes do Colégio de S. Jerónimo — ser grande de mais para tão poucos doentes; ser muito devassado, bem como a cêrca onde os asilados se poderiam entreter *na cultura de flores e outras plantas*; fazer muita falta à Faculdade para desaccumular o Hospital da Conceição, caso lá se viessem a desenvolver, como era de recear, febres de mau carácter, devidas à grande aglomeração de doentes.

*São estes motivos tão ponderosos — continuava o Director dos Hospitais — que me absteinho de mencionar outros; e além d'isso as obras que o edificio de S. Jeronymo exige para n'elle serem recolhidos os lazarus, principalmente em relação ao isolamento dos sexos, podem ser feitas em diversas partes com vantagem e inconvenientes relativos taes, que eu não posso, nem devo tomar sobre mim só a responsabilidade de as delinear e mandar executar.*

E o Dr. Cesário terminava dizendo — *ha outro edificio, collegio dos Militares, propriedade da universidade, que, apesar de alguns inconvenientes, apresenta comtudo menos que S. Jeronymo. É mais pequeno... É mais recondito... É mais facil a separação dos sexos... tem um pequeno quintal e inteiramente afastado das vistas do publico... Finalmente não tem destino e utilidade proximas* <sup>2</sup>.

Estava a questão neste pé, sem atar nem desatar, quando appareceu enfim a resposta do Ministro do Reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, à representação em que a Faculdade pedia que fôsse mantida a residencia dos lazarus no extincto convento de S. Jose dos Marianos <sup>3</sup>.

Era uma portaria, datada de 16 de Agôsto de 1851, onde se dizia ter Sua Majestade a Rainha *por bem declarar e ordenar, entre outras coisas, que no edificio de S. Jeronymo, designado para hospital dos lazarus, se proceda sem perda de tempo ás obras necessarias para a boa accomodação dos enfermos, com rigorosa separação dos dois sexos, no edificio e na cerca respectiva, fazendo-se os convenientes reparos para não serem de fora vistos e observados, e ainda que se estas providencias não derem todos os bons resultados que se desejam... e se vier... a descobrir-se edificio mais accommodado para o hospital dos lazarus do que o sobredito convento de S. Jeronymo, deverão as autoridades... fazer ao governo as representações e propostas convenientes* <sup>4</sup>.

Ora, é de presumir que a Faculdade tivesse sido informada de qual seria a resposta à sua representação, porque, no mesmo dia em que o Ministro assinava a portaria, o Director dos Hospitais, Dr. Manuel Paes de Figueiredo e Sousa, fazia, a tôda a pressa, mudar para S. Jerónimo alguns doentes do Hospital da Conceição, com o pretexto de que ali se estavam desenvolvendo, tanto na enfermaria dos homens como na das mulheres, as tais febres de mau carácter em que já uma vez se falara <sup>5</sup>.

Era uma evidente habilidade para ir ganhando tempo.

Mas o Reitor não lhe achou graça nenhuma e, furioso, expediu logo uma portaria fulminante, ordenando categoricamente ao Director dos Hospitais:

1.º *Que não mande mais doentes alguns para o edificio de S. Jeronymo, e que vá dando sahida aos que chegarem a estado d'isso...*

2.º *Que, se dentro em 8 dias, contados d'esta data, ainda existirem alguns doentes no edificio de S. Jeronymo, tracte immediatamente: ou 1.º de os arrumar... dentro do mesmo*

<sup>1</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 59.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*, pág. 61.

<sup>3</sup> *Idem, ibid.*, pág. 62.

<sup>4</sup> *Idem, ibid.*, pág. 62 e 63.

<sup>5</sup> *Idem, ibid.*, pág. 63.

edificio, de modo que possam começar-se immediatamente as obras precisas para collocação do hospital dos lazarus; ou 2.º os faça recolher ao hospital da Conceição, d'onde arbitrariamente foram mudados; ou 3.º os faça transferir para o edificio de S. Bento...

4.º Que regule sob sua responsabilidade a acceitação dos doentes para o hospital, com attenção: 1.º á capacidade do edificio da Conceição; 2.º aos meios pecuniarios que... estão destinados para estes socorros de beneficencia publica, de maneira que não se consuma n'um mez aquillo que... está destinado para mais tempo... 3.º aos clinicos e empregados destinados para tractar dos enfermos, não enganando o publico, acceitando, sob promessa que se não possa cumprir, de se darem os socorros que os enfermos procuram.

5.º Que findos os 8 dias acima fixados o director faça immediatamente começar as obras, como Sua Magestade ordena, para collocação do hospital dos lazarus<sup>1</sup>.

O Director dos Hospitais respondeu, em 28 de Agôsto, com um officio muito estudado em que procurava, com argumentos sentimentais, justificar o seu procedimento ao mandar transferir doentes do Hospital da Conceição para S. Jerónimo e, ao mesmo tempo, mostrar as dificuldades que encontrava ao querer executar as determinações do Reitor<sup>2</sup>.

A resposta não se fêz esperar.

Nesse mesmo dia surgiu nova portaria, e que portaria!

Rezava assim — Sendo improcedentes todas as duvidas que o director dos hospitais propôz em seu officio d'esta data, deduzidas dos obstaculos que elle mesmo arbitrariamente quizera crear, e com o que de novo pretende estorvar e illudir a execução das ordens de Sua Magestade em portaria de 16 do corrente, e as da reitoria de 25: ordeno ao director que cumpra na parte que lhe pertence tudo o que está determinado pelas sobredictas portarias, ficando responsavel por todos os resultados que se seguirem da falta de cumprimento e prompta execução perante as auctoridades superiores e Sua Magestade, a quem será presente a conta que tenho a dar da sua conducta sobre este negocio<sup>3</sup>.

E assim ia continuando a luta, o Reitor desfazendo-se em portarias bravas e o Director dos Hospitais em officios melodiosos, mas sem fazer mais nada, até que um dia o Prelado da Universidade se resolveu a visitar o Hospital da Conceição, verificando que havia lá muita cama vazia<sup>4</sup>.

Assim se ia de vez por água abaixo o grande argumento do Director dos Hospitais para justificar a transferência de doentes para S. Jerónimo.

Não havia afinal a tal apregoada acumulação no Hospital da Conceição.

No entanto o Dr. José Gomes Ribeiro, que substituíra o Dr. Figueiredo e Sousa na Direcção dos Hospitais, ainda procurou, com argumentos vários, demorar a saída dos Lázaros de S. José dos Marianos<sup>5</sup>.

Mas a batalha estava perdida...

E nos meados de Setembro entravam os Lázaros em S. Jerónimo<sup>6</sup>.

\*

Forçoso é confessar — escreveu mais tarde o Dr. Mirabeau — que a pretensão das ursulinas tinha por si as sympathias geraes. A mais pittoresca e bem situada habitação de Coimbra, segregada do bulicio da cidade, circumdada de muros e quasi inacessivel, excepto pelas serventias que tem ao nascente, parecia disposta pela natureza e affeição pela arte para seminario de educação de meninas. Entrava isto pelos olhos do publico; e as impressões que moviam os sentidos, inclinavam a opinião a favor das religiosas. Mas a Faculdade de Medicina, que por

<sup>1</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 65.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*, pág. 65 e 66.

<sup>3</sup> *Idem, ibid.*, pág. 66.

<sup>4</sup> *Idem, ibid.*, pág. 67.

<sup>5</sup> *Idem, ibid.*, pág. 68.

<sup>6</sup> *Idem, ibid.*, pág. 57.

aquelles tempos se viu combatida e contrariada a muitos respeitos, assim como se houve com firmeza na sustentação das suas prerrogativas, do mesmo modo cumpriu um dever imperioso empenhado todo o seu valimento para não se deixar desapossar das casas que ella primeiro tinha occupado e aproveitado, e que, se eram idoneas para vivenda do sexo amavel, tinham tambem as condições precisas para aposento dos lazarus, e mais ainda para uma enfermaria de alienados que lá se projectava estabelecer. Por isso a resistencia que a Faculdade oppoz á cedencia do edificio não foi caprichosa obstinação, nem as razões que allegou ante os poderes do estado foram pretextos ou verdades simuladas, como então se espalhou <sup>1</sup>.

No entanto, passados uns três meses, lá para Dezembro dêsse ano de 1851, a Faculdade ainda se mexeu para ver se conseguia fazer com que os Lázarus voltassem para S. José dos Marianos.

Com efeito, na sessão do Conselho de 18 de Dezembro, o vogal, dr. João Alberto, expoz os graves inconvenientes causados com a execução do decreto de 21 de Junho de 1851: deu parte de que desde a mudança dos lazarus para o edificio de S. Jeronymo até 18 de dezembro de 1851 tinham fallecido 4; e acrescentou que se apossara d'estes doentes tal panico, que alguns d'elles haviam pedido licença temporaria de ausencia do hospital; preferindo as privações que iam soffrer ao que elles julgavam morte provavel na sua residencia em S. Jeronymo. E concluiu que, por todos estes motivos e mais alguns que apontou, convinha representar-se à camara dos senhores deputados, pedindo-se a transferencia dos lazarus para o edificio de S. José dos Mariannos <sup>2</sup>.

Foi o Dr. Jerónimo José de Melo encarregado de elaborar a representação que seguiu ao seu destino, mas não obteve resposta.

Se o azedume da pendencia não tivera allucinado os espiritos — comentava Costa Simões — não se teria attribuido ás condições do edificio aquella mortalidade dos lazarus, e não se teria exposto uma corporação respeitavel a ficar sem resposta da sua reclamação <sup>3</sup>.

Depois tudo foi serenando e começou a tratar-se a sério de mudar os Lázarus para o Colégio dos Militares, onde entraram, como sabemos, a 10 de Dezembro de 1853.

E assim acabou a questão, que muito se azedou, porque afinal, vistas bem as coisas, ninguém se queria entender.

Parece que andavam todos na luta só pelo prazer de brigar — a Faculdade procurando resolver o caso com razões habilidosas, o Reitor actuando sempre com uma violência desabrida.

## V

### A CONQUISTA DO COLÉGIO DAS ARTES

Muito antes de para lá irem os Lázarus, já no Colégio de S. Jerónimo tinham estado doentes.

De facto, depois que o hospital da Universidade se estabeleceu no collegio dos extinctos jesuitas — escreveu o Dr. Mirabeau — tornaram-se alli tão frequentes os casos de curas notaveis e tão conhecido do publico o bom tractamento dos doentes, que em breve começou a ser muito

<sup>1</sup> MIRABEAU, *Memoria historica e comemorativa da Faculdade de Medicina nos cem annos decorridos desde a reforma da Universidade em 1772 até o presente*. Coimbra 1872, pág. 196.

<sup>2</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 71.

<sup>3</sup> *Idem, ibid.*, pág. 58.

procurado não só pelos enfermos pobres de Coimbra e povoações comarcãs, mas também pelos de terras distantes, onde debalde tinham solicitado remedio contra as suas enfermidades <sup>1</sup>.

E na casa, que de princípio fôra destinada para 68 doentes, chegaram a estar 250 ou mesmo mais <sup>2</sup>, distribuídos pelas cinco enfermarias prescritas nos Estatutos — *uma para estudantes pobres e ricos tratados à sua custa; outra para officiaes e pessoas privilegiadas da universidade; a terceira e quarta para os dois sexos dos enfermos pobres da cidade e suburbios; e a quinta para os exames de medicina e cirurgia pratica* <sup>3</sup>.

Os quartos, em vez de duas camas, passaram a ter quatro, o que tornava difficil abrir as portas e as janelas, prejudicando assim a ventilação.

Depois até nos corredores puseram camas.

Havia mau cheiro, porque, devido a uma incrível penúria de artigos de rouparia, a falta de limpeza era assombrosa <sup>4</sup>.

E os doentes cada vez eram mais.

*A estreiteza da casa causava a estreiteza do gazalhado. A acumulação dos doentes piorava a condição das molestias; compromettia a vida dos padecentes; e transiornava a marcha e regularidade dos symptomias; inutilizando assim verdades doutrinaes da praxe medica. Foi uma fatalidade lamentavel!* — escrevia o Dr. Jerónimo José de Melo em 1853, todo aflito por ver, desta sorte, o seu saber e o dos colegas todo esfarrapado <sup>5</sup>.

Nesta difficil conjectura, a Faculdade bem sentia a necessidade de alargar a esphera do exercicio clinico, e do ensino medico do hospital de clinica geral. Mas não via por onde remar... Deparou-se favoravel ensejo em 1834 com a extincção das ordens religiosas. Havia edificios vagos de conventos e collegios <sup>6</sup>.

\*

A primeira coisa que lembrou foi desacumular o Hospital da Conceição, mudando para o Colégio de S. Jerónimo as enfermarias de homens.

E assim se fêz em 1838.

Mas alguns anos depois os doentes voltaram para a Couraça.

Quando?

Não se sabe ao certo.

Martins de Carvalho diz vagamente que foi pouco depois; Mirabeau afirma que foi em 1842; Costa Simões garante porém que no ano lectivo de 1845 a 46 ainda lá havia doentes <sup>7</sup>.

Ora, por êsse tempo ou pouco mais tarde, veio a acontecer que o edificio de S. Jerónimo se transformou num Hospital Militar.

Havia então uma grande acumulação de tropas na Cidade nessa época de lutas civis.

Saíram todos ou quási todos os paisanos, para ficarem em S. Jerónimo só os da tropa.

E, como êsses já fôssem poucos em Outubro de 1847, veio uma ordem para os transferir também para o Hospital da Conceição <sup>8</sup>.

<sup>1</sup> MIRABEAU, *Memoria historica*, pág. 128 e 129.

<sup>2</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 106.

<sup>3</sup> *Reforma dos Hospitaes da Universidade, O Instituto*, vol. II, n.º 18, de 15 de Dezembro de 1853. Êste artigo não é assinado, mas é a continuação, publicada no número seguinte da revista, aparece firmada com um M. No mesmo vol. de *O Instituto*, a pág. 272, COSTA SIMÕES afirma que êle fôra escrito por *pessoa muito competente, e que tem visto os bons hospitaes das nações civilisadas*. Mais tarde, na *Noticia historica* já tanta vez citada, COSTA SIMÕES diz claramente que se trata do Dr. Jerónimo José de Melo, que foi lente da Faculdade de Medicina.

<sup>4</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 106.

<sup>5</sup> *Reforma dos Hospitaes da Universidade, O Instituto*, vol. II, n.º 18, de 15 de Dezembro de 1853.

<sup>6</sup> *Idem, ibid.*

<sup>7</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 75.

<sup>8</sup> *Idem, ibid.*, pág. 75.

E o Colégio de S. Jerónimo ficou desocupado até ao ano de 1851, em que se deram os escandalosos sucessos já sabidos, por causa da mudança dos Lázaros.

Voltava desta forma tudo à antiga.

Só havia outra vez doentes no Hospital da Couraça dos Apóstolos.

Apareceu então uma idea nova — mudar de casa, procurando outro edificio onde os serviços se pudessem instalar todos juntos, visto que das dependências do antigo Colégio dos Jesuitas *nada se podia esperar para acrescentamento do hospital da Conceição, e quando alguma coisa se obtivesse, fracos melhoramentos se chegariam a realizar*<sup>1</sup>.

Assim certamente pensava a Faculdade quando, em 20 de Janeiro da 1849, pediu ao Reitor que nomeasse uma Comissão para escolher o edificio *onde melhor se podessem accomodar todas as repartições dos hospitaes*<sup>2</sup>.

Foi isto afinal o que se veio a fazer, mas levou seu tempo.

Começa porque o Reitor parece não ter ligado qualquer importância ao caso.

Foi a Faculdade que, alguns meses mais tarde, a 20 de Julho, veio a nomear uma Comissão, mas só *com o fim especial de conhecer até que ponto o edificio de S. Bento — onde hoje está o Liceu — poderia prestar-se a taes accomodações*<sup>3</sup>.

De aqui em diante a história torna-se bastante confusa.

A tal Comissão parece nada ter feito, porque a Faculdade, na sua sessão de 1 de Fevereiro de 1850, ao tomar conhecimento duma Portaria do Ministério do Reino em que se pedia o orçamento das obras necessárias para converter o edificio de S. Bento em Hospital, resolveu designar outra Comissão para tratar do assunto<sup>4</sup>.

Esta nova Comissão, que só veio a ser nomeada em 25 de Junho, nada fez também de que ficasse notícia.

Continuava assim tudo na mesma e o tempo ia passando.

Provavelmente nem tôda a gente da Universidade concordava com a mudança para S. Bento.

Voltou mesmo a dizer-se que o melhor seria o primitivo projecto da desaccumulação.

E, nesse sentido, a Faculdade, em 6 de Outubro de 1852, indicava a conveniência de serem mudados os Lázaros para o Colégio dos Militares, para que o Colégio de S. Jerónimo podesse receber as enfermarias de homens do Hospital da Conceição, como já acontecera noutro tempo.

Mas, como sempre, havia quem discordasse.

De facto, a 4 de Novembro dêsse mesmo ano, o Reitor participava à Faculdade *que o conselho dos decanos votara para que a desaccumulação se fizesse para S. Bento e não para S. Jeronymo*<sup>5</sup>.

Ficariam desta sorte os serviços dum mesmo hospital distribuídos por dois edificios muito afastados um do outro.

Era uma solução manifestamente inconveniente sob todos os pontos de vista.

Custa a crer que houvesse cabeça de doutor onde pudesse ter germinado tal idea.

Mas houve, como se vê...

Ainda bem que não teve seguimento.

Alguém da Faculdade, talvez já Costa Simões, tinha felizmente pontos de vista mais largos e opiniões mais sensatas.

Havia realmente um edificio grande e bem situado, onde de futuro se poderiam vir a instalar com largueza todos os serviços hospitalares.

<sup>1</sup> MIRABEAU, *Memória histórica*, pág. 198.

<sup>2</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 76.

<sup>3</sup> *Idem, ibid.*, pág. 76.

<sup>4</sup> *Idem, ibid.*, pág. 76.

<sup>5</sup> *Idem, ibid.*, pág. 77.

Era o Colégio das Artes, onde ao tempo havia algumas casas vagas.

Expulsos de facto os Jesuítas no tempo de D. José, o Colégio ficara vazio.

Alguns anos mais tarde, o Marquês de Pombal, usando dos plenos poderes que El-Rei lhe conferira, resolveu *restituir a Mocidade Nobre destes Reynos contra o pernicioso e cruel attentado, com que no Anno de mil quinhentos e sincoenta e sinco, foy pelos denominados Jesuítas, esbulhada da Posse do Magnifico Collegio das Artes e Humanidades, nesta Cidade fundado pelo Senhor Rey Dom João o Terceiro, para berço da bellissima Instrucção, em que a mesma Mocidade fez os Grandes e Assignalados Progressos que com justos Elogios referem as Historias*<sup>1</sup>.

Voltava assim o Colégio á sua *Primitiva, Util, e Real Destinação*, abrigar as Escolas Menores onde se pudesse educar a *Mocidade nobre e civil das Provincias setentrionaes da Beira, Traz-os-Montes, Minho, e Partido do Porto*, sendo, para esse efeito, *desde logo... incorporado na Universidade; para os Principaes, Mestres, e mais Pessoas delle ficarem subordinadas ao Reytor, e Conselho Geral das Faculdades Scientificas, como parte, que foy e fica sendo da mesma Universidade*<sup>2</sup>.

Ora êste Colégio assim estabelecido em Coimbra, bem como os outros *Reaes Collegios de Escolas Menores*, que D. José fundara e onde se ministrava um ensino humanístico de carácter secundário, vieram, com o andar dos tempos, a ser mais ou menos substituídos pelos actuais liceus.

É por isso certamente que, nesse ano de 1852, uma parte do pavimento térreo do Colégio das Artes, de que os Jesuítas tornaram a estar de posse desde 22 de Fevereiro de 1832 até 24 de Maio de 1834<sup>3</sup>, era occupado pelas aulas do Liceu de Coimbra.

Mas o resto estava vazio ou tinha um vago destino.

\*

Era para aí sem dúvida que convinha deitar as vistas.

E a Faculdade, em 6 de Novembro de 1852, nomeava uma nova Comissão para examinar não só S. Bento, mas também o Colégio das Artes, de que até então nunca se tinha falado em documento official.

Eram os únicos dois edificios, de posse da Universidade, que havia em condições de servir<sup>4</sup>.

Esta Comissão não fêz como as outras, que se ficaram a dormir.

Em dois dias dava o seu parecer, mostrando *que uma parte do edificio do extincto collegio das artes podia recolher mui commodamente alguns enfermos, que era urgente remover da casa da Conceição atulhada d'elles*<sup>5</sup>.

Foram as coisas com esta rapidez porque a Comissão se aproveitou dos trabalhos que o relator, Costa Simões, tinha, há muito tempo já, preparados sôbre o assunto<sup>6</sup>.

Muitas dificuldades, porém, estavam ainda para surgir.

Logo no dia 13 de Novembro a Faculdade era informada de que o Conselho dos Decanos, embora aceitando a ideia de se poder um dia estabelecer definitivamente o Hospital no Colégio das Artes, entendia, no entanto, ser conveniente, como medida provisória, fazer a rápida desaccumulação para S. Bento dos doentes que houvesse a mais no Hospital da Conceição<sup>7</sup>.

Era, devemos convir, uma extranha opinião de que não se percebe fácilmente o motivo.

<sup>1</sup> Documento n.º 7 adiante transcrito na íntegra.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*

<sup>3</sup> TEIXEIRA BASTOS, *A vida do estudante de Coimbra*, Coimbra 1920, pág. 30, nota 3.

<sup>4</sup> MIRABEAU, *Memória histórica*, pág. 198.

<sup>5</sup> *Reforma dos Hospitais da Universidade, O Instituto*, vol. II, n.º 18, de 15 de Dezembro de 1853.

<sup>6</sup> COSTA SIMÕES, *Notícia histórica*, pág. 77.

<sup>7</sup> *Idem, ibid.*, pág. 77.

Por isso muito bem andou a Faculdade dizendo que, conquanto achasse de urgente necessidade a desaccumulação do Hospital da Couraça, não lhe parecia, porém, ser o Colégio de S. Bento o mais próprio para tal fim, por precisar de grandes reparações esse edificio, que, de mais a mais, servia ao tempo para aquartelar tropa <sup>1</sup>.

E o govêrno, informado da divergência <sup>2</sup>, expediu, pela pasta do Reino, duas portarias, que foram presentes na Congregação de 4 de Dezembro de 1852 — uma determinando que a pronta desaccumulação dos doentes se fizesse, como era desejo da Faculdade, para o Colégio das Artes; outra nomeando uma Comissão para escolher o edificio do Estado que melhores condições oferecesse para o estabelecimento definitivo dos Hospitais da Universidade <sup>3</sup>.

Estava assim dado o primeiro passo para a conquista do Colégio das Artes.

O resto viria a seu tempo.

A desaccumulação fêz-se depressa porque se começou logo a trabalhar com vontade. Desocuparam-se no Colégio das Artes, por cima das aulas do Liceu, os corredores de todo o lado sul e nascente, mudando os livros das antigas bibliotecas dos Conventos e Colégios, que lá estavam, para as salas e corredores dos outros lados do edificio <sup>4</sup>.

A 23 de Dezembro já lá andavam obras <sup>5</sup>.

E, como tudo se resumia afinal à demolição dos tabiques que separavam as antigas celas e à reparação dos tetos, pavimentos, janelas e vidraças <sup>6</sup>, foi possível mudar para o Colégio das Artes, logo nos dias 5 e 6 de Janeiro de 1853, todos os doentes da enfermaria de homens do Hospital da Conceição <sup>7</sup>.

Mas afinal pouco se adiantou com isso.

Passados uns 10 a 12 dias havia já, com efeito, tanta gente nos compartimentos aproveitados do Colégio das Artes, que foi preciso tornar a mudar a enfermaria de cirurgia dos homens para umas salas do Hospital da Conceição que, por estarem *infeccionadas pela accumulação dos doentes*, tinham sido *todas lavadas, desinfectadas e ventiladas antes de se tornarem a ocupar* <sup>8</sup>.

Só ficou no Colégio das Artes a enfermaria destinada aos homens que sofriam de moléstias internas.

Mas tudo voltou a estar em más condições.

Escrevia, com efeito, Costa Simões num officio datado de 22 de Janeiro de 1855, cerca de quinze dias depois da saída dos doentes para o Colégio das Artes:

*Antes da primeira mudança para o collegio das Artes, andavam mal, no hospital da Conceição, as molestias chronicas; e, na enfermaria de cirurgia, muitas ulceras atonicas tomavam o caracter da podridão do hospital...*

*Nos primeiros oito dias depois da mudança, tudo ia optimamente. Era sensivel a melhora na maior parte dos muitos doentes, que actualmente ali ha na minha enfermaria, com padecimentos pulmonares chronicos e com hydropisias; na enfermaria da cirurgia notou-se a mesma differença, vendo-se a prompta detersão e boa-marcha de todas as ulceras, que no outro hospital tinham tomado mau character; excepto n'uma gangrena, que não pôde retrogradar pelo adeantamento em que se achava.*

<sup>1</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 77.

<sup>2</sup> MIRABEAU, *Memória histórica*, pág. 197.

<sup>3</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, págs. 77 e 78.

<sup>4</sup> *Idem, ibid.*, pág. 78, nota 3.

<sup>5</sup> *Idem, ibid.*, pág. 78.

<sup>6</sup> COSTA SIMÕES, *Reconstruções e novas construções dos Hospitais da Universidade de Coimbra*, 2.<sup>a</sup> edição, Coimbra 1898, pág. 4.

<sup>7</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 78, nota 3.

<sup>8</sup> *Idem, ibid.*, pág. 78, nota 3.

*Effectuou-se a mudança nos dias 5 e 6, e só no dia 14 é que morreu o primeiro doente n'esta casa.*

*Do dia 14 até hoje 21 as cousas têm tomado uma marcha bem differente. Na enfermaria de molestias internas, quasi todas as molestias chronicas tem peiorado, e posso dizer que tem sido grande a mortandade n'estas molestias<sup>1</sup>.*

Se assim era no Colégio das Artes, no Hospital da Conceição as coisas não corriam melhor, pois tinham-se lá desenvolvido casos de podridão hospitalar e de febres de mau caracter attribuídas à insufficiente cubagem das casas<sup>2</sup>.

Podia-se, é certo ocupar todo o resto do pavimento superior, tirando de lá, como mais tarde se veio a fazer, os livros que tinham pertencido às Congregações religiosas<sup>3</sup>.

Mas, para resolver duma maneira satisfatória o problema, o que importava manifestamente era escolher uma casa, fôsse ela qual fôsse, para instalar de vêz todo o Hospital.

Ora, de posse da Universidade só havia dois edificios grandes, como já se disse, o Colégio de S. Bento e o das Artes.

Mas o primeiro, ainda que vistoso, bem situado e de largas accomodações, não tinha contudo melhores predicados nem a vasta capacidade do segundo<sup>4</sup>.

E a Comissão, encarregada, por efeito da portaria de 27 de Novembro de 1852, de escolher novo local para estabelecimento de um hospital accommodado ás necessidades do curativo dos enfermos, e exigencias do ensino e de propor as obras e preparos necessarios para o fim indicado, deu preferéncia à casa do collegio das artes que por sua vasta capacidade, construção e exposição, parece talhada de molde para um magnifico hospital<sup>5</sup>.

Reünindo-se, em seguida, a casa contígua do Colégio de S. Jerónimo, ter-se-ia preparado um dos melhores da Europa — na opinião do Dr. Jerónimo José de Melo — podendo servir para acomodar folgadoamente 450 doentes, respeitada a independencia dos sexos, divisão e regularidade de serviço; e com separação e independencia das casas de convalescença<sup>6</sup>.

A Faculdade, depois de muitas hesitações, também se conformou com este parecer, com excepção dos Drs. Barjona e Baptista Callisto, que achavam preferível o edificio de S. Bento<sup>7</sup>.

A seguir vieram duas portarias do Ministério do Reino — a primeira, datada de 22 de Agosto de 1853, punha o Colégio das Artes à disposição da Faculdade para o estabelecimento definitivo dos seus hospitais; a outra, de 27 do mesmo mês, autorizava, como já se disse noutro ponto, a mudança para o Colégio dos Militares dos lázaros que estavam em S. Jerónimo, mandando ao mesmo tempo agregar este Colégio ao das Artes para a instalação de enfermarias<sup>8</sup>.

\*

Começou-se logo a tratar da mudança.

Os doentes com moléstias internas, que existiam nas enfermarias de homens, já

<sup>1</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 78 e 79, nota.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*, pág. 81.

<sup>3</sup> Eram mais de 100.000 volumes. Para remover esta massa ingente de tantos mil volumes... tomou-se o alvitre de se permittir ás Faculdades universitarias... que separassem do deposito geral as obras que lhes aproovessem para a fundação de bibliothecas especiaes. Aceitaram a permissão as faculdades de Philosophia e de Medicina (MIRABEAU, *Memória histórica*, pág. 198 e 199). Foi de aqui que vieram quasi todos os livros antigos que estão hoje na Biblioteca da Faculdade de Medicina. Mas muita coisa se perdeu...

<sup>4</sup> MIRABEAU, *Memoria historica*, pág. 198.

<sup>5</sup> *Reforma dos Hospitales da Universidade, O Instituto*, vol. II, n.º 18 de 15 de Dezembro de 1853.

<sup>6</sup> *Idem, ibid.* Neste artigo diz-se que a Comissão era presidida pelo prelado da universidade, e composta de um vogal nomeado pela camara, outro pela faculdade de medicina, e um pela misericordia, fazendo tambem parte d'ella o director das obras publicas do districto. Na sua *Noticia historica dos Hospitales da Universidade de Coimbra*, a pág. 78, COSTA SIMÕES, indica porém uma composição ligeiramente differente — Reitor, Governador Civil e três delegados, um da Faculdade, outro da Misericordia e o terceiro da Camara Municipal de Coimbra.

<sup>7</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 81.

<sup>8</sup> *Idem, ibid.*, pág. 81.

estavam, como sabemos, no andar de cima do Colégio das Artes desde 5 de Janeiro de 1853.

A 11 de Setembro desse mesmo ano mudou-se para lá também a enfermaria dos homens com moléstias cirúrgicas.

No andar de baixo continuava o Liceu. O hospital só aí tinha a despensa, a cozinha e o refeitório.

Depois, como a 10 de Novembro os Lázaros tivessem passado para o Colégio dos Militares, foram, nos dias 16 e 18 desse mesmo mês, mudadas as mulheres para o edifício de S. Jerónimo<sup>1</sup>.

Assim foi abandonado o hospital da Couraça, que, no entanto, ainda tornou a abrir as suas portas para receber doentes por ocasião da epidemia de cólera que, nos anos de 55 e 56, assolou o país.

Mas foi por pouco tempo.

Só funcionou, de facto, este Hospital de coléricos de 20 de Outubro a 13 de Dezembro de 1855, de 30 de Janeiro a 12 de Fevereiro de 1856 e de 15 de Agosto a 22 de Novembro do mesmo ano<sup>2</sup>.

E nunca mais para lá voltaram doentes.

Acabara de vez o hospital estabelecido no antigo Colégio dos Jesuítas.

As salas que êle ocupava, foi-as, pouco a pouco, a Faculdade de Medicina adaptando depois para as suas instalações laboratoriais, num persistente trabalho de muitos anos.

Fizeram-se lá, sobretudo no último quartel do século passado, obras importantes, que modificaram mais ou menos o antigo aspecto das casas.

\*

Entretanto o novo Hospital procurava estender-se para melhor ir instalando as suas dependências.

Em 1870, depois de repetidas instâncias da Faculdade de Medicina, saiu enfim o Liceu do Colégio das Artes, para se transportar para S. Bento, onde ficou<sup>3</sup>.

Acabou deste modo a estranha anomalia de haver, debaixo do mesmo tecto, paredes meias, um estabelecimento de ensino secundário e outro destinado a receber doentes.

E o Hospital ficou de posse de todo o pavimento inferior do Colégio das Artes, onde já anteriormente, em Setembro de 1855, se tinha estabelecido uma enfermaria de mulheres<sup>4</sup>.

Foi assim que os Hospitais da Universidade vieram a ocupar todos os edificios por onde actualmente se estendem — o Colégio das Artes, o Colégio de S. Jerónimo e o Colégio dos Militares.

Só lhes faltam ainda as ruínas do Observatório Astronómico, começado a construir, no tempo do Marquês, no sitio onde fôra o Castelo da Cidade, que mais tarde, a pedido de Costa Simões, foram cedidas pelo Ministério do Reino, bem como os terrenos em volta, para aí se acomodarem as repartições da lavandaria e rouparia e as arrecadações do fato dos doentes<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> COSTA SIMÕES, *Estatística pathologica dos Hospitais da Universidade, O Instituto*, vol. II, n.º 22 de 15 de Fevereiro de 1854.

<sup>2</sup> COSTA SIMÕES, *Noticia historica*, pág. 151.

<sup>3</sup> *Idem, ibid.*, pág. 84.

<sup>4</sup> *Idem, ibid.*, pág. 83.

<sup>5</sup> COSTA SIMÕES, *Reconstrucções e novas construcções*, pág. 12.

VI

A TRANSFORMAÇÃO DOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE

Desde que para o Colégio das Artes foram os primeiros doentes, logo começaram as obras que haviam de transformar, com o decorrer do tempo, uns velhos casarões num hospital razoável.

E ainda não acabaram.

De princípio apenas se tratou duns ligeiros trabalhos de reparação.

Depois, em 1855, transformaram-se algumas das acanhadas janelas antigas, rasgando-as até baixo, segundo um modelo que veio a ser mais ou menos adoptado em todo o Hospital.

Em 1859 fêz-se, à custa de algumas celas, uma razoável enfermaria no Colégio de S. Jerónimo, que funcionou bastantes anos como *enfermaria-escola*. Desapareceu quando se construíram os novos quartos particulares para os doentes a pagar.

Nesse mesmo ano se estabeleceu também uma cómoda comunicação entre os Colégios de S. Jerónimo e das Artes, que eram paredes meias. Desapareceu igualmente quando estes dois edifícios foram separados por um largo corte que Costa Simões mandou fazer <sup>1</sup>.

Depois outros melhoramentos se foram realizando nas casas de aceitação dos doentes, no banco, na rouparia, na despensa e ainda na lavandaria, que ficou instalada nos baixos do edificio de S. Jerónimo, etc. <sup>2</sup>.

Tudo isto não passava afinal, como bem se vê, duns arranjos provisórios, para acudir às mais urgentes necessidades do momento.

Mas está claro que obras assim feitas, *sem risco geral e sem unidade, acabariam finalmente por tornar o edificio desengraçado por fora, irregular e mal repartido por dentro* <sup>3</sup>.

Resolveu, por isso, a Faculdade que se fizesse um plano completo do Hospital *accommodado ás exigencias locais e ao decoro da Universidade, e que as obras futuras se regulassem pontualmente pelo desenho do plano approved* <sup>4</sup>.

Foi Costa Simões encarregado de traçar, *em conformidade com os preceitos da sciencia, o plano architectonico que importava realizar no Collegio das Artes* <sup>5</sup>.

Era natural que assim fôsse.

Há muito tempo que elle vinha pensando no caso.

Esboçara, de facto, o projecto, nas suas linhas gerais, logo no ano de 1852 ou 53.

\*

Como era vulgar acontecer nos conventos e outras construções semelhantes, o Colégio das Artes compunha-se de quatro lanços dispostos de modo a fechar um pátio rectangular.

Para transformar a casa em hospital, Costa Simões teve uma feliz idéa — isolar por meio de seis largos cortes, convenientemente dispostos, outros tantos pavilhões com dois andares cada um, tendo janelas em tôdas as quatro faces.

Aproveitavam-se, para construir as galerias de serviço, as colunas do antigo claustro,

<sup>1</sup> COSTA SIMÕES, *Reconstruções e novas construções*, pág. 4 e 5.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*, pág. 5.

<sup>3</sup> MIRABEAU, *Memória histórica*, pág. 216.

<sup>4</sup> *Idem, ibid.*

<sup>5</sup> *Idem, ibid.*

substituindo-se porém o entablamento recto, que bem se vê na estampa do livro do Quelhas, por arcadas, de modo a dar maior desafôgo às janelas do pavimento inferior<sup>1</sup>.

Parece ter havido quem fizesse reparos a êste projecto de isolar os pavilhões, que ficariam, desta forma, apenas ligados por umas galerias abertas. Era insufficiente, dizia-se, o resguardo contra o tempo das pessoas que tivessem que andar de pavilhão em pavilhão<sup>2</sup>.

Mas não eram justificadas tais críticas.

Pena que, na reconstrução definitiva do Hospital, se não seguisse êste plano.

Teria ficado, sem dúvida, melhor do que ficou.

\*

Costa Simões foi uma pessoa curiosa, como poucas tem havido no meio médico português.

Meditava longamente no que pretendia executar, descendo às mais ligeiras minúcias. Aperfeiçoava constantemente os planos que concebera.

Muito metódico e trabalhador, tudo apontava em papéis que cuidadosamente guardava.

Trouxe anos e anos, segundo dizem, desenhadores por sua conta a riscar em grandes fôlhas não só o plano, sempre retocado, das obras do Hospital, mas ainda o padrão das mesas, dos bancos, dos jarros, dos púcaros e de tudo o mais que era preciso.

Quando morreu, velhinho, na Mealhada, deixou à Faculdade de Medicina, numas pastasmeticulosamente arranjadas, todos os *croquis* e plantas dizendo respeito ao Hospital de Coimbra e ainda muitos outros desenhos referentes aos diversos hospitais portugueses de que êle dirigia a construção, aos hospitais estrangeiros que êle visitara ou de que estudara o sistema, etc.

São peças curiosas, que bem mostram o cuidado que Costa Simões punha em tudo o que fazia.

Mas o legado à Faculdade ainda comportava mais coisas — alguns maços de manuscritos e apontamentos autógrafos; um album com os retratos dos fisiologistas, histologistas e outros sábios lá de fora com quem Costa Simões se correspondera; uns pequenos objectos de seu uso, uma caneta, um lápis, uma borracha; e, por último, até os dentes que lhe tinham caído todos com uma gengivite expulsiva.

Era afinal um nadinha ridículo êste bom homem, que, no seu tempo, foi um dos maiores sábios de Portugal.

Sim, porque os dentes, sumptuosamente fixados por uns arames de prata a uma rica base de pau preto, que uma placa, também de prata, ilustra com sua legenda explicativa, custam a perdoar.

Atiraram-nos para o Museu de Anatomia patológica, onde estão, dentro de um armário, no meio da frascaria.

As pastas e os manuscritos ficaram na Biblioteca da Faculdade.

Agora o resto — a pobre borracha, o lápis meio gasto, a caneta ainda suja de tinta e o lindo album tão amorosamente arranjado — tudo desapareceu...

\*

O plano de reconstrução, que desde 1853 Costa Simões vinha estudando, só começou a ser metódicamente executado em 1870, quando êle foi nomeado Administrador dos Hospitais, cargo que exerceu até 1886.

Arranjaram-se logo as duas enfermarias do pavimento inferior, onde era a *Escola*

<sup>1</sup> COSTA SIMÕES, *Reconstrucções e novas construcções*, págs. 92 e 93.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*, pág. 96.

no meu tempo de estudante e que os empregados velhos do Hospital ainda hoje designam por esse nome.

A seguir, em 1874, construíram-se as duas enfermarias correspondentes do andar superior.

Em 1885 isolou-se do resto do edifício, por meio de dois cortes, o pavilhão que comportava estas quatro enfermarias, e fêz-se a galeria de acesso para as do andar de cima<sup>1</sup>.

Dêstes cortes, um veio a desaparecer por completo quando recentemente se voltou a tratar da reconstrução do Hospital, pondo de lado o plano de Costa Simões; o outro, na frontaria, está hoje em grande parte ocupado por umas construções de bem mesquinho aspecto, que, nestes últimos tempos, se lá fizeram.

A galeria superior ficou para sempre incompleta. Só existe, a um canto, a parte da cobertura que Costa Simões mandou fazer.

Nesses anos de 1870 a 1886, outras obras se foram fazendo, por aqui e por ali, todas subordinadas ao grande plano que Costa Simões concebera — desligou-se o Colégio das Artes do de S. Jerónimo por um largo corte; construíram-se umas *latrinas gerais* que desapareceram; fizeram-se bons esgotos, acabando assim com fossas imundas que havia desde o tempo dos padres; reedificou-se na sua quasi totalidade, desde os alicerces, a parte do Colégio de S. Jerónimo onde estão os quartos particulares; instalou-se uma lavandaria nas ruínas do Observatório; traçaram-se arruamentos e levantaram-se muros de suporte na cerca do Hospital, etc., etc.<sup>2</sup>.

No tempo de Mirabeau, que sucedeu a Costa Simões na Administração dos Hospitais, não se fêz grande coisa.

Havia grande falta de dinheiro.

Acabou-se o que estava principiado, e pouco mais<sup>3</sup>.

Mas das obras então feitas, houve duas que muito irritaram Costa Simões, porque vinham alterar por completo o plano que elle tinha imaginado com tanto trabalho para a reforma radical dos Hospitais.

Foram a construção do pequeno pavilhão destinado a um Laboratório de Análises Clínicas, que eu ainda conheci, no espaço do corte feito no ângulo do edifício, e a transformação da casa destinada às *latrinas gerais* numas salas de operações<sup>4</sup>, onde eu vi muita vez trabalhar Costa Alemão e Daniel de Matos.

\*

Entretanto o casarão do Colégio das Artes ia chegando a um estado deplorável.

Enfermarias novas só havia quatro que Costa Simões arranjava.

O resto era medonho.

*Soalhos velhos e carunchosos; em regra mau cheiro nas enfermarias; uma mistura incongruente de doentes affectados de molestias do quadro da pathologia cirurgica e da pathologia medica, taes como febres typhoides, pneumonias, myelites e (o que é peor ainda) tuberculosos pulmonares mesmo em casos em que não são acompanhadas de tuberculosos externos; doentes com lesões suppurantes, doentes com erysipelas (algumas das quaes contrahidas na enfermaria) disseminados aqui e acolá por entre doentes que têm em via de cura os seus traumatismos operatorios; disseminados semelhantemente os doentes com gangrena ou com qualquer complicação septicemica, quando os ha; deitados em enxergões no chão os doentes supranumerarios; e todos estes doentes d'um mesmo serviço de cirurgia assistidos por um mesmo pessoal pouco numeroso,*

<sup>1</sup> COSTA SIMÕES, *Reconstrucções e novas construcções*, págs. 9 e 10.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*, pág. 10, 11 e 12.

<sup>3</sup> *Idem, ibid.*, pág. 16 e 17.

<sup>4</sup> *Idem, ibid.*, pág. 18 e 19.

mal remunerado e destituído de habilitações, sem meios de isolamento e de desinfectão seria; eis o triste espectáculo que o hospital da Universidade offerece ás justas exigencias dos novos, que por vezes reagem contra este estado de cousas com as reclamações ruidosas, proprias da energia da sua idade, da sinceridade de suas aspirações e da firmeza das suas convicções — escrevia Sousa Refoios em 1891, referindo-se especialmente às clínicas cirúrgicas <sup>1</sup>.

Mas o resto estava na mesma, pouco mais ou menos.

\*

As condições, em que ao tempo, há uns 35 ou 40 anos, eram operados os doentes no Hospital de Coimbra, devem deixar assombrados os médicos de hoje.

E ainda Sousa Refoios quem o vai dizer.

*Não ha no hospital uma unica sala de operações!!*

*E comtudo houve-a já nos annos proximoamente anteriores a 1875 ou 1876; no meio da sala que era a antiga livraria dos frades, estava uma meza operatoria de madeira com alguns movimentos; em volta da sala havia, á altura de dois metros, uma varanda d'onde os alumnos dos differentes cursos assistiam ás operações; em baixo, em volta da mesa operatoria, sómente tinham entrada os alumnos de clinica cirurgica.*

*Esta sala foi demolida pelo sr. dr. Costa Simões em 1876, pouco mais ou menos, para os trabalhos de reconstrucção do hospital; até hoje não appareceu ainda mão caridosa que fizesse construir uma barraca de madeira, pelo menos, que servisse exclusivamente para a sala de operações.*

*Os doentes do sexo masculino passaram a ser operados na sala do Banco, isto é, na mesma sala onde todos os dias se descobrem e se pensam ulceras de pernas cobertas de pus e onde entram com toda a sua miseria e com o seu fato infectado quantos miseraveis procuram o Banco do hospital...*

*Á custa de se reconhecer improprio o Banco para alli operar os doentes do hospital, abandonou-se aquelle local. O actual clinico da enfermaria de cirurgia de homens opera os doentes na propria enfermaria; é triste e deprimente espectáculo para os outros doentes; e más são as condições mesologicas para operar...*

*Os doentes do sexo feminino não foram nunca operados na casa do Banco, porque seria necessario fazel-os descer do segundo pavimento do hospital para o primeiro; eram operados na sala que era aula de partos, clinica cirurgica e clinica medica; e lá são operados ainda, com a differença porem de que actualmente essa sala tem apenas o destino de lá se operar e fazer alguns pensos, estando aliás destituída de qualquer installação operatoria, porque a propria mesa operatoria é um leito comum do hospital, apenas um pouco mais alto.*

*O serviço de cirurgia de mulheres tem pois esta superioridade de ter uma sala vazia em que se opéra, mas tem a inferioridade dos seus soalhos carunchosos e cheios de desigualdades anfractuosas, e d'uma ventilação insufficiente.*

*São velhas enfermarias d'um hospital velho tambem; é ver como os soalhos oscillam quando uma ajudante, nutrida e pesada, vai correndo de sala em sala com os seus enormes chinelos buscar apressadamente um objecto de curativo que tão commodamente podia vir n'um carro rodante de sala em sala com tudo o mais que é necessario <sup>2</sup>.*

No meu tempo de estudante as coisas estavam já bastante modificadas.

O Hospital era um pouco melhor, mas ainda não havia, por exemplo, salas de operações em termos, com bom mobiliário e material. Refoios operou, até ao fim trágico dos seus dias, numa saleta estreita e comprida, ao cimo da escada, onde só cabiam seis alumnos de cada vez.

<sup>1</sup> SOUSA REFOIOS, *Relatorio d'uma viagem ao estrangeiro*, Coimbra 1891, pág. 192.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*, pág. 195 e 196.

Enfermarias decentes não havia também senão as quatro que Costa Simões arranajara. As outras ainda tinham velhos pavimentos de madeira carunchosa ou de tijolo vermelho.

E dos tectos de masseira de algumas caíam lentamente lascas da antiga pintura.

Havia um cheirito por aqui e por ali, porque muitas casas só tinham ainda os acanhados postigos doutro tempo.

Uma tristeza...

\*

A grande reforma, que Costa Simões projectara e começara a executar metódicamente enquanto foi Administrador dos Hospitais, não chegou a produzir todos os seus efeitos benéficos — escrevia Sousa Refoios em 1891 — porque lhe faltou a reconstrucção do hospital, para a qual... não forneceram ao sr. dr. Costa Simões os meios pecuniarios...; mas, ainda que se tivesse expandido em toda a sua efflorescencia, essa reforma teria hoje representado o seu papel e não dispensaria que sobre ella se implantasse hoje uma outra em nome da antiseptia e asepsia chirurgicas.

Naquella epocha — continua a dizer Sousa Refoios — pedia-se á ventilação quasi exclusivamente o saneamento das enfermarias; e eu tenho a opinião de que mesmo as novas enfermarias do hospital de Coimbra expõem os doentes inconvenientemente a correntes de ar frio, e precisam de ser modificadas de fórma a serem aquecidas durante o inverno, sem que deixe de assegurar-se uma renovação real do ar, que seja aproveitada mas não sentida pelos doentes. N'aquella epocha a ventilação tinha de arejar o pulmão e de ser o meio quasi exclusivo de desinfecção; hoje temos meios de desinfecção que permittem restringir a ventilação quasi somente ao seu papel respiratorio, porque a antiseptia e asepsia não devem deixar accumular nas enfermarias agentes de infecção.

A reconstrucção do hospital, projectada pelo sr. dr. Costa Simões, ainda que tivesse sido levada a effeito, e ainda que posteriormente o hospital tivesse uma dotação sufficiente, não resolvia um problema que julgo indispensavel — o augmento do numero de doentes; antes pelo contrario, restringia o seu numero <sup>1</sup>.

Ora Refoios estava convencido de que a pequenez do Hospital estendia os seus perniciosos efeitos sôbre o ensino, obstando á educação clinica dos professores e dos alunos <sup>2</sup>.

Por isso reclamava a construcção dum Hospital novo como sendo a necessidade mais instante da Faculdade para a elevação do seu ensino clinico <sup>3</sup>.

E justificava a sua opinião dizendo — O sr. dr. Costa Simões tem dispendido muitas lucubrações e cuidados no projecto de reconstrucção do hospital actual; com o seu espirito esclarecido, é o primeiro a reconhecer que seria indispensavel hoje introduzir modificações importantes no seu projecto de reconstrucção publicado em 1869; não é possivel transformal-o por uma reconstrucção n'um hospital modelo.

Pode e deve ser ainda aproveitado para um hospital de convalescentes, hospital de incuraveis, etc.; a sua reconstrucção porem não resolve o problema hospitalar da Faculdade...

O hospital actual, depois de reconstruido, comporta um numero de doentes inferior á lotação actual.

É indispensavel pois construir um hospital novo; quer seja um hospital de 300 doentes que funcione conjunctamente com o actual, depois de reconstruido; quer seja um hospital mais extenso, de 600 ou 700 doentes; abandonando o hospital actual.

Qualquer das duas soluções é possivel; qualquer d'ellas é indispensavel <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> SOUSA REFOIOS, *Relatorio*, pág. 194.

<sup>2</sup> *Idem*, *ibid.*, pág. 194.

<sup>3</sup> *Idem*, *ibid.*, pág. 257.

<sup>4</sup> *Idem*, *ibid.*, pág. 257 e 258.

\*

Ora, aí pelos anos de 1888, devido aos esforços de Refoios e de outros, começou-se a pensar a sério na construção dum novo Hospital.

Em 1891, uma Comissão de Professores levou *uma representação da Faculdade ao sr. Ministro do Reino e da Instrucção Publica, dr. Antonio Candido, que com uma promptidão e dedicação inexcediveis obteve do ministro das Obras Publicas a cedencia do edificio, outr'ora destinado a paço episcopal, no bairro de Sant'Anna, e a nomeação d'um engenheiro architecto para levantar a planta e fazer o projecto d'um novo hospital no qual seja incorporado o referido paço episcopal.*

A Camara Municipal de Coimbra, presidida por um professor da Faculdade de Medicina, o sr. dr. Costa Allemão, offereceu para o novo hospital uma area importante de terreno, que ha pouco tinha adquirido n'aquelle mesmo local <sup>1</sup>.

A Junta Geral do Distrito veio também em auxilio, resolvendo, por proposta de Sousa Refoios, auxiliar com 10 contos as despesas de construção dêsse novo hospital <sup>2</sup>.

Para estudar o plano das obras, a Faculdade de Medicina, na sua congregação de 22 de Fevereiro de 1890, nomeou uma Comissão composta dos seguintes professores — Fernando de Melo, presidente; João Jacinto e Daniel de Matos, vogais; Augusto Rocha, relator; Sousa Refoios, secretário <sup>3</sup>.

Não fêz grande coisa.

Ficou-se nos pontos de vista gerais, sem descer a minúcias.

Assentou que o novo Hospital deveria ser construído em pavilhões e comportar 800 doentes, que cada pavilhão deveria ter uma sala com 30 camas, três quartos de isolamento, uma casa para distracção dos doentes de pé, uma pequena cozinha e mais os compartimentos necessários para casa de banhos, retretes e habitação de enfermeiros.

Assentou mais que seriam precisos 80 a 100 mil metros quadrados e que os terrenos compreendidos entre o Paço de Santa Ana e o Penedo da Saudade se prestavam muito bem para esta construção <sup>4</sup>.

E mais não disse ao que parece, porque se desconjuntou em pouco tempo.

Rocha foi-se embora, com efeito, logo no dia 13 de Dezembro do ano de 91; Fernando de Melo a 18 de Abril do ano seguinte e Daniel de Matos a 7 de Novembro <sup>5</sup>.

E a Comissão ficou coxa, até se reconstituir em 1892, com a entrada de Lopes Vieira e Costa Simões.

Foram então assim distribuídos os cargos — presidente, João Jacinto; vogal, Lopes Vieira; relator, Costa Simões; secretário, Refoios <sup>6</sup>.

Ora desta feita aconteceu coisa parecida com o que, noutros tempos, tinha acontecido com uma outra Comissão de que Costa Simões também fizera parte.

No curto espaço de um mês apareciam dois esboços do futuro Hospital feitos por Costa Simões, que vinha, por sua alta recreação, matutando há tempos no caso, e que tinha, além disso, estudos feitos a propósito da construção doutros hospitais que era possível agora aproveitar <sup>7</sup>.

Apesar de velho, era ainda o mesmo homem de sempre.

<sup>1</sup> SOUSA REFOIOS, *Relatorio*, pág. 259.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*, pág. 259.

<sup>3</sup> COSTA SIMÕES, *Reconstrucções e novas construcções*, pág. 195.

<sup>4</sup> *Idem, ibid.*, pág. 196.

<sup>5</sup> *Idem, ibid.*, pág. 196.

<sup>6</sup> *Idem, ibid.*, pág. 196.

<sup>7</sup> *Idem, ibid.*, págs. 199 e 200.

Um destes projectos occupava toda a área dos terrenos de Santa Anna a Santa Thereza, estendendo-se pelo sul ao passeio do Penedo da Saudade, e pelo norte á estrada de Santa Anna para Santa Thereza. Comprehendia ainda todo o terreno occupado pelo convento de Santa Anna e toda a linha de casas particulares ao sul d'aquella estrada entre os dois conventos <sup>1</sup>.

No segundo esboço não se contava com o convento de Santa Anna nem com uma parte da respectiva cêrca, na supposição de se não poder obter este edificio, por se achar a esse tempo já em obras, para o aquartelamento dos destacamentos da cavallaria. Tambem não se comprehendia nelle a linha de casas particulares, ao sul da estrada de Santa Anna para Santa Thereza <sup>2</sup>.

O primeiro projecto teve que ser posto de lado, porque o Ministério da Guerra não largava o edificio de Santa Ana, e o segundo teve que ser modificado, porque a Câmara Municipal de Coimbra, presidida ao tempo por Costa Alemão, mandara abrir uma estrada de 6 metros de largo, cortando os terrenos por onde Costa Simões distribuira os pavilhões.

Manifestei logo particularmente — escreveu Costa Simões — a contrariedade que soffri com aquella resolução da camara; e na primeira congregação, em janeiro de 1893, expuz á faculdade de medicina o que sentia sobre os inconvenientes d'aquella estrada para as futuras commodidades do novo hospital. A faculdade acceitou as explicações do Sr. Conselheiro Costa Alemão, e reconheceu as boas intenções com que elle tinha procedido; tanto mais para serem acreditadas, quanto havia sido S. Ex.<sup>a</sup> quem tinha proposto em camara a aquisição e a posterior cedencia d'aquelles terrenos. Tudo ficava assim liquidado; e só restava proceder-se á elaboração de um outro plano de obras, que tivesse de contar com aquella divisão dos terrenos pela nova estrada.

Terminada porem a congregação, e já em conversa particular com os collegas, foi-me revelado que se estava interpretando mal, se tinha por exaggerados, os inconvenientes que eu attribuia áquelle corte dos terrenos; suppondo-me a intenção de fazer esfriar com esses exaggeros a ideia do novo hospital, com o fim de fazer concentrar todas as attenções na continuação das obras do meu antigo projecto de reconstrucção do hospital do Collegio das Artes. Foi isto o que eu deduzi d'aquella revelação obsequiadora.

Ninguém, no meu logar, deixaria de offender-se com taes apreciações do publico. Nessa mesma conversa particular, logo declarei que, visto os meus trabalhos naquella commissão serem por tal forma apreciados por quem quer que fosse, fóra da faculdade e da commissão, eu os daria desde então por terminados <sup>3</sup>.

Final tudo se explicou, e Costa Simões, já tranqüilo, fêz um novo projecto de distribuição dos pavilhões contando com a tal estrada e com a occupação permanente do Convento de Santa Ana pelo Ministério da Guerra.

Parecia que as coisas iam assim bem encaminhadas.

Mas, no fim, fêz-se o projecto e não se passou disso.

E a Faculdade só ganhou com tudo isto, ficar com o edificio onde hoje estão a Clínica Dr. Daniel de Matos e os Laboratórios de Histologia e de Fisiologia, e que em tempos serviu, por duas vezes, de Hospital de isolamento, em 1900, quando da epidemia de meningite cêrebro-espinhal, e em 1905, quando da grande epidemia de variola, que então assolou a Cidade e os arredores <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> COSTA SIMÕES, *Reconstrucções e novas construcções*, pág. 197.

<sup>2</sup> *Idem, ibid.*, pág. 198.

<sup>3</sup> *Idem, ibid.*, pág. 204 e 205.

<sup>4</sup> SOBRAL CID, *Hospital de isolamento no paço de Sant'Anna — Movimento Medico*, 5.º ano, n.º 14, de 15 de Novembro de 1905.

Cerca duns 10 anos se passaram.

Tôdas as esperanças estavam perdidas.

O Hospital novo não se fazia e as velhas enfermarias do Colégio das Artes iam caindo de podres.

Era uma vergonha...

Foi então, aí por 1902, mais coisa menos coisa, que Costa Alemão, ao tempo Administrador dos Hospitais, começou a deitar aqui uma parede a terra, a levantar acolá um tabique, a rasgar uma janela à esquerda, a entaipar uma porta à direita, arranjando para estas obras, feitas um pouco ao acaso, dinheiro com prodígios duma economia por vezes cruel.

Tinha uma vontade de ferro.

Metera-se-lhe em cabeça que havia de reconstruir o Hospital e não descansou enquanto não deu comêço à tarefa, que minuciosamente dirigiu como um mestre de obras poupado.

Não pensava noutra coisa.

Uma noite, convidado para uma conferência com Refoios e Daniel, para decidir o que se havia de fazer a uma grávida, que entrara para o Hospital com o útero roto, sentou-se numa cadeira de braços e, enquanto os outros discutiam, passeava os olhós lentamente pelo tecto, pelas paredes, pelo chão do cubículo que servia de sala de anestesia.

E de repente, num silêncio que se fêz, a voz de Costa Alemão saíu da cadeira:

— Isto está realmente a precisar de umas obrasitas.

Nada ouvira do que se dissera.

Como sempre, pensava nas obras...

Pôs-se de lado, por dispendioso, o projecto de Costa Simões.

Foi-se aproveitando das casas velhas tudo o que se podia aproveitar.

E no fim aconteceu o que não podia deixar de acontecer — o edifício ficou *desengraçado por fora, irregular e mal repartido por dentro*, como nos meados do outro século, a Faculdade temia que viesse a suceder se a reconstrução do Colégio das Artes se fizesse *sem risco geral e sem unidade*<sup>1</sup>.

Cometeram-se mesmo erros que mais tarde foi necessário emendar, gastando um dinheiro que, certamente, se teria poupado, se, desde o princípio, tudo se pautasse por um plano devidamente estudado.

E, além disso, muitas coisas ficaram para sempre com o ar deplorável dos concertos.

Mas o Hospital de Coimbra não seria certamente o que é hoje se Costa Alemão não tivesse começado a sua reforma.

Muito se ficou devendo afinal a êste homem severo, activo e persistente.

Mas um dia Costa Alemão foi-se embora, e a Administração dos Hospitais passou para outras mãos.

Muito se tem feito desde então.

Tudo está hoje transformado — há boas salas de operações, boas enfermarias, etc.

E, de onde a onde, transparece mesmo a feliz preocupação de pôr uma nota discreta de graça e de bom gôsto na casa dos doentes.

Ainda bem.

Mas não descreverei longamente a obra realizada nos dias que vão passando.

Li no prefácio dum livro, chamado *Anatole France en pantoufles*, que se tratar das coisas passadas é erudição, tratar das presentes é indiscricção...

<sup>1</sup> MIRABEAU, *Memoria historica*, pág. 216.

Além disso, com os péssimos hábitos da nossa terra, tôda a crítica à obra dos vivos é sempre mal interpretada.

Elogiar, no conceito corrente, traduz sempre adulação; fazer reparos, mesmo ligeiros, inveja ou ingratidão.

Mas ninguém certamente irá dizer que eu minto se afirmar que o Hospital, tal como está, se pode ver.

Dados os vícios de origem, seria mesmo difficil fazer melhor...

Alberto Pessoa.

## APÊNDICE

### I. — Documentos copiados dum Livro manuscrito pertencente ao Museu Machado de Castro

Publicam-se a seguir na íntegra alguns documentos a que se fazem referências no texto ou se transcrevem mesmo partes, todos êles copiados dum livro manuscrito pertencente ao Museu Machado de Castro e que está actualmente depositado, por deliberação do Conselho de Arte e Arqueologia, na Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Abre o livro, que não tem título nem números nas fôlhas, por um *Catalogo do que se contém nesta Collecção* onde se lê:

#### N.º I

Provizão original do Marquez Visitador expedida em 14 de Outubro de 1772, por que cedeu no Real Nome de sua Magestade a Igreja do grande Collegio dos Denominados *Jesuitas*, para nella se estabelecer a Cathedral de Coimbra...

#### N.º II

Provizão... pela qual cedeu... o Edifício da Sé, vaga pela Transladação da Cathedral, a favor... da Misericordia de Coimbra...

#### N.º III

Provizão... pela qual unio, e incorporou no perpetuo Dominio da Universidade o Edifício, que antes foi claustro da Sé transferida, para nelle se estabelecer... a ampla Typografia da mesma Universidade...

#### N.º IV

Provizão do mesmo Marquez dada no dia 16 do dito Mez de Outubro pela qual unio, e incorporou no perpetuo Dominio da mesma Universidade as Porçoens do Collegio Jesuitico vago, descriptas nas Cartas Topograficas juntas, para nellas se estabelecerem: O Hospital Publico: O Dispensatorio Pharmaceutico: O Laboratorio Chymico: O Theatro Anatomico: A Salla das Operaçoens Chirurgicas: A convalescença dos Enfermos: Os amplos Vazos competentes para nelles se estabelecerem os Gabinetes da Historia Natural: E outro Vazo para os Gabinetes das Machinas applicadas às Licçoens, e às Demonstraçoens da Fysica Experimental.

#### N.º V

Provizão do mesmo Marquez dada no dia 16 de Outubro, por que restituiu *in integrum* a Mocidade Nobre esbulhada pela cruel cubiça *Jesuitica* da Posse do Real Collegio das Artes, e Humanidades da Universidade de Coimbra; incorporando-o nella, e determinando-o para a Educação da Mocidade Nobre, e Civil das Provincias da Beira, Traz dos Montes, Minho e Partido do Porto. E vai junta a carta Topografica do Terreno do mesmo Collegio.

#### N.º VI

Provizão do mesmo Marquez dada no dito dia 16 de Outubro, por que incorporou no perpetuo Dominio da mesma Universidade o Castello de Coimbra; Portas delle, e todos os Terrenos, que a elle, e a ellas pertencem, para o estabelecimento do Observatorio de Astronomia; dos Apozentos dos Professores, e seus Ajudantes; e da Custodia dos Instrumentos Opticos.

N.º VII

Provizão... ocorrendo às indecências em que se acham a Real Cappella, e a Livraria da Universidade...

Só se copiaram porém os documentos tendo algum interêsse para a história dos Hospitais de Coimbra, marcando-os com um número, que não figura no livro, para facilitar as referências.

A carta de D. José ao Marquês de Pombal, que se pode ler no doc. n.º 2, já foi publicada em 1917 pelo Dr. António de Vasconcelos no vol. VI da *Revista da Universidade de Coimbra*, pág. 168<sup>1</sup>.

(N.º 1)

*Apresentação da Provizão que ao diante vai junta.*

Anno do Nascimento de Nos senhor JESUS Christo de mil e sette centos e settenta e dous, aos dezanove dias do mez de Outubro do dito anno nesta Cidade de Coimbra, e Cazas de morada do Doutor José Gil Tojo Borja Quinhones do Dezembargo de Sua Magestade que Deos guarde nesta Cidade de Coimbra e sua Comarca, por elle Corregedor me foi apresentada uma Provizão mandada passar, e assignada pelo *Illustrissimo e Excellentissimo* Senhor Marquez de Pombal, do Conselho de Estado de EL-REY, Nosso Senhor, seu Plenipotenciario, e seu lugar tenente na nova fundação da Universidade desta Cidade, determinando-me por seu despacho que autuasse para se cumprir, e executar na forma que na mesma se contem: A que eu Escrivão satisfiz, e a autuei de seu mandado, e hé a mesma que aodiante se segue: E eu Henrique Gomes Ferraz Escrivão das Cizas, e nomeado para esta diligencia que o escrevi.

(N.º 2)

O Marquez de Pombal, do Conselho de Estado de El-Rey Meu Senhor, e seu Plenipotenciario, e Lugar-Tenente na Fundação desta Universidade &ª.

Faço saber aos que esta Provizão virem, que o dito Senhor houve por bem honrar-me com a Carta firmada pela sua Real Mão, cujo Theor he o seguinte:

«Honrado Marquez de Pombal, do Meu Conselho de Estado, e Meu Lugar-Tenente na nova Fundação da Universidade de Coimbra, Amigo. Eu EL-REY Vos envio muito saudar, como aquelle que prézo. Achando-se vago, incorporado na Minha Real Coroa o Edificio, que servio de Collegio aos Proscriptos Jesuitas: E tendo prestado o Meu Regio Assenso para que o Vigario Capitular desse Bispado, de acordo comvosco, fizesse applicação da Sumptuosa Igreja d'elle, e de tudo o mais, que necessario fosse, em beneficio da Sé Cathedral, que para Ella deve ser transferida: Tendo consideração a que o Amplissimo resto daquelle vastissimo Edificio, antes fundado para a ruina da Cidade, dos Estudos, e do Reyno, se pode converter em beneficio publico; dividindo-se, e applicando-se utilmente: Hey por bem que, mandando tirar o Plano do dito Edificio, façais a Vosso arbitrio as Divisoens, e applicaçoes, que mais uteis Vos parecerem: Ou seja em beneficio da Universidade; ou da Cidade; ou das Provincias deste Reyno. E porquanto Sou informado que nas ruinas do Castello dessa Cidade, e nos amplos Terrenos, que se acham no recinto d'elle, ha todas as commodidades para se estabelecer o Observatorio; e para se fabricarem todas as Cazas, e Officinas necessarias para a habitação do Professor de Astronomia, e dos seus Adjunctos; e para a Guarda dos Instrumentos Opticos: Hey outro sim por bem que possais applicar as ditas ruinas, e Terrenos ao dito Observatorio: Mandando fabricar todas as Obras, que julgareis necessarias. Para os sobreditos Fins Hey por bem conceder-vos as mesmas facultades, com que Fuy servido authorizar-vos para o Establecimento dos novos Estudos, que nessa Universidade mandei fundar pela Minha Carta de vinte e oito de Agosto proximo passado: E das quaes Vós tendes feito até o prezente, e fareis daqui em diante o bom uzo, que, as longas experiencias da Vossa Prudencia; do Vosso Zelo, e Prestimo; e do Vosso Amor ao Meu Real Serviço me fazem esperar. Escripta no Palacio de Mafra em Onze de Outubro de Mil sete centos setenta e dous. /- REI. /- Para o Honrado Marquez de Pombal. /-».

E em Observancia das Reaes Ordens contheudas na sobredita Carta, e na de Vinte e oito de Agosto proximo preterito, a que Ella se acha referida: Uzando dos Plenos Podêres, que huma e outra Carta me confêrem: Hey por Serviço do dito Senhor unir, e incorporar no Perpetuo Dominio da mesma Universidade as Porçoens do Edificio vago para o Fisco, e Camara Real, que antes se chamou *Collegio* dos Jesuitas: descritas na Carta Topographica, por Mim assignada, que com Esta será; para a Ellas se transferirem, e nellas se estabelecerem: Primò, o Hospital publico desta Cidade, que deve ao mesmo tempo constituir a mais util Aula da Faculdade de Medicina: Secundò, o Dispensatorio Pharmaceutico, em que se devem preparar os Remedios, e exercitar os Estudantes Medicos: Tertiò, o Laboratorio Chymico com suas respectivas Officinas: Quarto o Theatro

<sup>1</sup> ANTÓNIO DE VASCONCELOS, *Visita do Marquês de Pombal a Coimbra para reformar a Universidade*. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. VI, 1918, pág. 14.

Anatomico: Quinto, a Salla para as Operaçoens Chirurgicas: Sexto, a Convalescença dos Enfermos em Lugar Superior: Setimò, os amplos Vazos competentes para nelles se estabelecerem os Gabinetes da Historia Natural dos Trez Reynos, que a constituem; attendendo-se não só ao prezente estado das Couzas; mas tambem ao muito que os Doutos, e Zelosos do Bem publico, e Gloria da Nação hão-de enriquecer os mesmos Gabinetes pelos tempos futuros com os seus Donativos; como tem succedido nos Outros Paizes da Europa: Octavò, o outro bom e decoroso Vazo, que ha-de servir para os Outros Gabinetes das Máquinas applicadas às Liçoens, e às Demons- traçoens da Fysica Experimental: Separando-se as sobreditas Porçoens das que já fôram applicadas ao Esta- blecimento da Sé Episcopal, na conformidade da sobredita Carta Topographica: E sendo logo entregues à Pessoa, que para se investir na Posse e Perpetuo Dominio dellas, em nome da Universidade, for constituída pelo Conselho Geral de todas as Faculdades. Para o Plenario Efeito, e Perpetua Memoria de tudo o referido, serà esta Provizão remetida ao Corregedor da Comarca Joze Gil Tojo, Borja e Quinhones; afim de que partici- pando-a ao Reytor da Universidade dê logo a referida Posse à Pessoa ou Pessoas por Elle, e pelo dito Conselho nomeadas com assistencia do Tenente Coronel Guilherme Elsdén, e o Capitão Isidoro Paulo Pereyra Officiaes de Infantaria com Exercicio de Engenheiros. Na sobredita forma se lavrarão os Actos Necessarios em dous differentes Duplicados; hum para ficar servindo de Título à referida Universidade; e outro para se remeter ao Real Archivo da Torre do Tombo. Coimbra em dezesseis de Outubro de mil sete centos setteta e dous. — *Mar- quez de Pombal*.

Por ordem de Sua Excellencia. — *João Chrisostomo de Faria e Sousa de Vas.<sup>ios</sup> de Sá*.

Cumpra-se, e autuada se proceda na forma q̃ se determina. — Coimbra, 17 de Sbro de 1772. — *Gil*.

(N.º 3)

*Apresentação da Procuração ao diante junta.*

Aos dezanove dias do mez de Outubro de mil e sette centos e settenta e dous nesta Cidade de Coimbra e Cazas do Collegio, que antes se chamou dos Jesuitas, aly pelo Doutor Jose Joaquim Vieira Godinho Lente de Direito Patrio nesta Universidade me foi apresentada a Procuração que ao diante se segue, A qual autuei, e ajuntei a estes autos de que fiz este termo, E eu Henrique Gomes Ferraz Escrivão das Cizas nomeado para esta diligencia que o Escrevi.

(N.º 4)

Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, do Conselho de Sua Magestade, Reytor da Universidade de Coimbra; Com os Lentes Decanos das Faculdades, Deputados do Conselho da Fazenda, e Estado da Universidade &ª.

Constituimos por parte da mesma Universidade, bastante, e Legitimo Procurador ao Senhor Jozê Joaquim Vieira Godinho, Lente da Cadeira de Direito Patrio; para que possa tomar posse, das Propriedades, e Terrenos, de que o Illustrissimo, e Excellentissimo, Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado, Vizitador desta Universidade, Plenipotenciario, e Lugar Tenente de Sua Magestade, na Nova Fundação e Creação della, Uzando dos Amplissimos, e Illimitados Poderes, que pelo mesmo Senhor lhe foram Concedidos; fez Doação a dita Universidade, E que se indeviduão na Carta da mesma Doação fazendo Lavrar das partes de Cada huma das referidas propriedades, Segundo a devisão dellas os Actos necessarios. Com as devidas Solemnidades. E eu Doutor Miguel Carlos da Motta e Silva, Secretario da mesma Universidade a fiz em Coimbra aos dezanove de Outubro de Mil Sete Centos, Settenta e dous annos. — *Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho R.<sup>o</sup>, D. Carlos M.<sup>o</sup> de Fig.<sup>o</sup> Pim.<sup>o</sup>, Decano de Teolog.<sup>a</sup>; M.<sup>o</sup> Jozé Alz de Carv.<sup>o</sup>, Decano de Canones; Thomaz Pedro da Rocha, dec.<sup>o</sup> de Leys; Miguel Anto Ciera, Domingos Vandelli, Decano de Filosofia.*

[Selo da Universidade em lacre vermelho].

(N.º 5)

*Auto de entrega, e pósse dada á o Illustrissimo Reitor, e mais Lentes, que constituem o Corpo da Univer- sidade pela Pessoa de seo Procurador, das porçoens do Edificio abaixo declaradas.*

*Anno do Nascimento* de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e sette centos e settenta e dous, aos dezanove dias do mez de Outubro do dito anno nesta Cidade de Coimbra, e Cazas do Collegio, que antes se chamou dos Jesuitas, sendo aly presente o Doutor Jose Gil Tojo Borja Quinhones do Dezembargo de Sua Magestade que DEOS guarde, e seu Corregedor com alçada nesta mesma Cidade, e sua Comarca, o Tenente Coronel Guilherme Elsdén, o Capitão Izidoro Paulo Pereira officiaes de Infantaria com exercicio de Engenheiros; E bem assim o Doutor José Joaquim Vieira Godinho Lente da Cadeira de Direito Patrio nesta Universidade, como Procurador da mesma, aly pelo dito Doutor Corregedor foi lida a Provizão junta a estes autos, mandada passar, e assignada pelo *Illustrissimo e Excellentissimo* Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado de *El-Rey* Nosso Senhor, seo Plenipotenciario, e seo Lugar Tenente na nova fundação da Universidade desta mesma Cidade, e depois de lida em virtude E execução da mesma uzando dos poderes que n'ella se lhe conferem, fez elle dito Doutor Corregedor verdadeira, e Real entrega das parçoens do Edificio vago para o Fisco, e Camera Real, que antes se chamou Collegio dos Jesuitas descriptas na Carta Topografica que vai junta a estes autos Ao sobredito Procurador, e este na prezença, e assistencia de todos os Referidos, tomou posse das ditas porçoens do Edificio

descriptas na Referida Carta, andando por ellas, fechando, e abrindo portas, e fazendo os mais actos possessorios em Direito Requeridos, dizendo em voz intelligivel, que tomava posse daquele Edificio em nome dos seus Constituintes, para que por meio da mesma, e da entrega que se lhe havia feito ficasse incorporado no perpetuo dominio da Universidade, aquem *Sua Magestade* pela sua Real grandeza o havia doado, para as applicaçoes declaradas na Provizão: A qual posse tomou mança e pacificamente sem duvida, ou contradição de pessoa alguma: O que visto por elle Doutor Corregedor lhe houve a dita posse por boa, e legitimamente tomada, e transferida para a mesma Universidade, assim, e da mesma sorte que de antes estava incorporada na Real Coroa: E para constar a todo o tempo do Referido mandou fazer este auto de entrega e posse que com todos os Sobreditos assignou, Sendo Testemunhas que presentes estavam Filippe de Sá Barretto, e Bernardo Antonio da Cruz ambos desta Cidade: E eu Henrique Gomes Ferraz Escrivão das Cizas nomeado para esta deligencia que o escrevi. — *Jozé Gil Tojo Borja, e Quinhones, Guilherme Elsdén Th.<sup>te</sup> Co.<sup>ei</sup>, Izidoro Paulo Pereira Cap.<sup>m</sup>, Joseph Joachim V.<sup>a</sup> Godinho, Filipe de Sá Barreto, Bernardo Ant.<sup>o</sup> da Cruz.*

(N.<sup>o</sup> 6)

Apresentação da Provizão ao diante junta.

*Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo* de mil sette centos e settenta e dous aos dezanove dias do mez de Outubro do dito anno nesta Cidade de Coimbra, e Cazas de morada do Doutor José Gil Tojo Borja Quinhones do Dezembargo de Sua *Magestade* que *Deos* guarde, e Seu Corregedor com alçada nesta mesma Cidade e sua Comarca; ahy por elle dito Doutor Corregedor me foi apresentada huma Provizão mandada passar, e assignada pelo *Illustrissimo, e Excellentissimo* Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado de EL REX Nosso Senhor seu Plenipotenciario e seu lugar Tenente na nova fundação da Universidade desta Cidade, determinando-me que autuassee para se cumprir e executar na forma que na mesma se contem: E eu Escrivão de seu mandado a autuei, e hê a mesma que ao diante se segue, de que fiz este termo: E eu Henrique Gomes Ferraz Escrivão das Cizas nomeado para esta diligencia que o escrevi.

(N.<sup>o</sup> 7)

O Marquez de Pombal do Conselho de Estado de EL-REX Meu Senhor, e seu Plenipotenciario e Lugar Tenente na Fundação desta Universidade de Coimbra &<sup>a</sup>.

Faço saber aos que esta Provizão virem, que o dito *Senhor* houve por bem honrar-me com a Carta firmada pela sua Real Mão, cujo Theor he o seguinte:

[*Segue a carta já copiada no doc. n.<sup>o</sup> 2*].

E em Observancia das Reaes Ordens, contheudas na sobredita Carta, e na de vinte e oito de Agosto proximo preterito, a que Ella se acha referida: Uzando dos Plenos Poderes, que huma, e outra Carta me conferem: Tendo por notoriamente certo, que Elles não poderiam ter mais util e fructuosa Execução, do que será a de restituir a Mocidade Nobre destes Reynos contra o pernicioso, e cruel attentado, com que no Anno de mil quinhentos e sincoenta e sinco, foy pelos denominados Jesuitas, esbulhada da Posse do Magnifico Collegio das Artes e Humanidades, nesta Cidade fundado pelo Senhor Rey Dom João o Terceiro, para berço da bellissima Instrução, em que a mesma Mocidade fez os Grandes e Assignalados Progressos, que com justos Elogios referem as Historias: E considerando que a Magnanimidade do Augusto Coração do dito Senhor, depois de haver provido pelos Establecimentos d's Reaes Collegios de Escollas Menores, fundados na Cidade de Lisboa, e na Villa de Mafra, com o beneficio da Educação, a Mocidade Nobre, e Civil da Corte, e Provincias Meridionais da Estremadura, Alem-Tejo, e Reyno do Algarve; não ha cousa que seja mais conforme ao mesmo Real Espirito de Munificencia, e de Paternal Benignidade do dito Senhor do que he comunicar-se o mesmo Beneficio às Provincias setentrionaes da Beira, Traz-os Montes, Minho, e Partido do Porto: Hey por serviço de Deus, de Sua Magestade, e, athé por hum Acto de necessaria Justiça, restituir *in integrum* o sobredito uzurpado *Collegio das Artes, e Humanidades* à sua Primitiva Util, e Real Destinação; para o effeito de nelle se educar a Mocidade Nobre, e Civil das referidas Provincias, e Partido: Incorporando-o para o dito effeito, como desde logo o Hey por incorporado, na Universidade; para os Principaes, Mestres, e mais Pessoas delle ficarem subordinados ao Reytor, e Conselho Geral das Faculdades Scientificas, como parte, que foy, e fica sendo da mesma Universidade; debaixo das regras estabelecidas no Regimento, que o dito Senhor tem ordenado para o Establecimento, e Governo Literario, e Economico do mesmo Collegio — O qual será logo separado, como sempre o fôra, do outro Edificio, que antes servio de Collegio Jesuitico; demolindo-se todas as Communicações, que dolozamente se fizeram para se affectar a apparente união de hum com o outro; de sorte que inteiramente fiquem independentes; e demolindo-se da mesma sorte os muros rusticos, com que o Pateo nobre do mesmo Collegio das Artes foy com o mesmo dolo, e impiedade deturpado. Para o Plenario Efeito, e Perpetua Memoria de tudo o referido; será esta Provizão remetida ao Corregedor da Comarca Jozé Gil Tojo Borja, e Quinhones; afim de que, participando-a ao Reytor da Universidade, dê logo à Pessoa, ou Pessoas por Elle nomeadas, a Posse do referido Collegio, e suas pertenças, com assistencia do Tenente Coronel Guilherme Elsdén, e do capitão Izidoro Paulo Pereyra officiaes de Infantaria com exercicio de Engenheiros. Na sobredita forma se lavrarão os Actos necessarios em dous differentes Duplicados; hum para ficar servindo de Titulo á Referida Universidade;

e outro para se remeter ao Real Archivo da Torre de Tombo. Coimbra em dezesseis de Outubro de Mil sete centos e setenta e dous. — *Marquez de Pombal*.

Por ordem de Sua Excellencia. — *João Chrisostomo de Faria e Sousa e Vas.<sup>l<sup>o</sup></sup> de Sá*.

Autuada esta Provizão, se lhe de o seu inteiro e devido cumprim.<sup>to</sup>. — Coimbra, 17 de Sbro de 1772. — *Gil*.

(N.º 8)

Apresentação da Procuração ao diante junta.

Aos dezanove dias do mez de Outubro de mil e sette centos e settenta e dous nesta Cidade de e Collegio da Artes, pelo Doutor Jose Vieira Godinho Lente da Cadeira de Direito Patrio na Universidade desta Mesma Cidade me foi apresentada a Procuração que adiante se segue a qual eu aqui autuei e ajuntei, de que fiz este termo: E eu Henrique Gomes Ferraz Escrivão das Cizas e nomeado para esta diligencia que o escrevi.

(N.º 9)

Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho do Conselho de Sua Magestade, Reytor da Universidade de Coimbra; com os Lentes Decanos das Faculdades, deputados do Conselho da Fazenda, e Estado da Universidade &.<sup>a</sup>.

Constituimos por parte da mesma Universidade, bastante e Legitimo Procurador ao Senhor Jozê Joaquim Vieira Godinho Lente da Cadeira de Direito Patrio, para que possa tomar posse das Propriedades, e Terrenos de que o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado, Vizitador desta Universidade, Plenipotenciario, e Lugar Tenente da Sua Magestade na Nova Fundação, e Creação della, Uzando dos Amplissimos e Illimitados Poderes, que pelo mesmo Senhor lhe forão concedidos, fez Doação a dita Universidade, e que se individuão na Carta da mesma Doação, fazendo Lavrar das partes de cada huma das referidas Propriedades, segundo a divizão dellas os Actos necessarios, com as devidas Solemnidades, E eu Doutor Miguel Carlos da Motta e Silva, Secretario da mesma Universidade a fiz em Coimbra aos dezanove de Outubro de mil sete centos Setta, e dous annos &.<sup>a</sup>. — *Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho R.<sup>o</sup>, D. Carlos M.<sup>o</sup> de Fig.<sup>do</sup> Pim.<sup>ei</sup>, Decano em Teolog.<sup>a</sup>; M.<sup>ei</sup> Jozê Alz de Carv.<sup>o</sup>, Decano de Canones; Thomaz Pedro da Rocha, dec.<sup>o</sup> de Leys; Miguel Anto Ciera, Domingos Vandelli, Decano de Filosofia.*

[*Selo da Universidade em lacre vermelho*].

(N.º 10)

*Auto de entrega, e pösse* do Collegio das Artes dada ao *Illustrissimo* Reitor, e mais Lentes, que constituem o Corpo da Univesrsidade pela Pessoa de Seo Procurador.

*Anno do Nascimento* de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e sette centos e settenta e dous, aos dezanove dias do mez de Outubro do dito anno nesta Cidade de Coimbra, e Collegio das Artes, sendo aly presentes o Doutor Jose Gil Tojo Borja Quinhones do Dezembargo de Sua Magestade que *Deos* guarde, e seu Corregedor com alçada nesta Mesma Cidade e sua Comarca, o Tenente Coronel Guilherme Elsdén, o Capitão Izidoro Paulo Pereira officiais de Infantaria com exercicio de Engenheiros; e bem assim o Doutor Jozé Joaquim Vieira Godinho Lente da Cadeira de Direito Patrio nesta Universidade como Procurador da mesma: Aly por elle dito Doutor Corregedor foi lida a Provizão junta a este autos, mandada passar e assignada pelo *Illustrissimo* e *Excellentissimo* Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado de *El-Rey* Nosso Senhor seu Plenipotenciario e seu lugar Tenente na nova fundação da Universidade desta mesma Cidade; E depois de lida elle dito Doutor Corregedor em virtude, e execução da mesma, uzando dos poderes que nella se lhe conferem fez verdadeira, e Real entrega do dito Collegio com suas pertenças, Separado como sempre o fora do outro Edificio, que d'antes servio de Collegio Jesuitico ao sobredito Jozé Joaquim Vieira Godinho Procurador da Universidade, E este em virtude da sua Procuração tomou logo posse do dito Collegio, andando, e voltando por elle, fechando, e abrindo portas, e fazendo os mais actos possessorios em Direito Requeridos, e dizendo em inteligivel voz, que tomava posse do referido Collegio em nome de seus Constituintes, para que por meio da mesma, e da entrega que se lhe havia feito delle ficasse incorporado na dita Universidade como parte que fica sendo da mesma para a destinação que na sobredita Provizão, se ordena: O que visto por elle Doutor Corregedor lhe houve a dita posse por boa, e legitimamente tomada, e transferida para a mesma Universidade. E para constar a todo o tempo do referido mandou fazer este auto, entrega, e posse, que com todos os Sobreditos Assignou Sendô testemunhas que presentes estavam Filippe de Sá Barreto, e Bernardo Antonio da Cruz ambos desta mesma Cidade, Que aqui assignarão: E eu Henrique Gomes Ferraz Escrivão das Cizas e nomeado para esta diligencia que o Escrevi. — *José Gil Tojo Borja, e Quinhones, Guilherme Elsdén Th.<sup>1<sup>o</sup></sup> Col., Isidoro Paulo Pereira Capp.<sup>m</sup>, Joseph Joachim V.<sup>a</sup> Godinho, Filipe de Sá Barreto, Bernardo An.<sup>1<sup>o</sup></sup> da Cruz.*

(N.º 11)

*Apresentação da Provizão* que ao diante vai junta.

*Anno do Nascimento* de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e sette centos e settenta e dous aos vinte dias do mez de Outubro do dito anno nesta Cidade de Coimbra, e cazas de morada do Doutor Jose Gil Tojo Borja

Quinhones do Dezembargo de Sua *Magestade* que Deos guarde e seu Corregedor com alçada nesta mesma Cidade e sua Comarca, por elle me foi apresentada huma Provizão mandada passar, e assignada pelo *Illustrissimo* e *Excellentissimo* Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado de EL-REY Nosso Senhor, seu Plenipotenciario, e seu Lugar Tenente na nova fundação da Universidade desta Cidade mandando-me que a autuassee para se cumprir e dar à sua devida execução e eu Escrivão aqui a autue, e ajuntei, e hé a mesma que adiante se segue: E eu Henrique Gomes Ferraz Escrivão das Cizas, e nomeado para esta diligencia que o escrevi.

(N.º 12)

O Marquez de Pombal do Conselho de Estado de EL-REY Meo Senhor, e seu Plenipotenciario, e Lugar Tenente na Fundação desta Universidade de Coimbra &.<sup>a</sup>

Faço saber aos que esta Provizão virem, que o dito Senhor houve por bem honrar-me com a Carta Regia firmada pela sua Real Mão, cujo theor he o Seguinte:

[Segue a carta já copiada no doc. n.º 2].

E em Observancia das Reaes Ordens contheudas na sobredita Carta e na de vinte e oito de Agosto proximo preterito, a que Ella se acha referida: Uzando dos Plenos Poderes, que huma, e outra Carta me Conferem: HEY por serviço do dito SENHOR unir e incorporar, como por esta uno, e incorporo, no Perpetuo Dominio da dita Universidade o Castello desta Cidade, e portas delle com todos os Terrenos, que a Ellas, e a Elle pertencem; não só para o Establecimento do Observatorio destinado aos uzos, e Licções da Astronomia; aos Apozentos dos Lentes, com os seus Ajudantes; e à Custodia dos Instrumentos Opticos; conforme a Disposição dos Estatutos Regios no Livro Terceiro Parte Segunda, Titulo Septimo, Capitulo Primeiro; e do Plano por Mim assignado, que com esta será; mas tãobem para que a entrada para o mesmo Observatorio, e para a Rua larga dos Collegios, sendo uma das principaes, e mais uteis, e necessarias, fique em beneficio publico dos Academicos, e dos Habitantes de Coimbra, livre e desembaracada dos impedimentos, e perigos, que nella se acham; e constituindo huma das Porções mais formozas da mesma Cidade naquella parte destinada aos passeys publicos. Para o Plenario Efeito, e perpetua Memoria de tudo o referido se remeterà logo esta ao Corregedor da Comarca Joseph Gil Tojo Borja e Quinhones. O qual participando-a ao Reitor da Universidade dará logo a posse dos sobre ditos Castello, e Terrenos à Pessoa por Elle constituída com assistencia do Thenente Coronel Guilherme Elsdén, e do Capitão Izidoro Paulo Pereira, Officiaes de Infantaria com Exercicio de Engenheiros; depois de o haver assim participado à Camara desta Cidade para que fique na intelligencia do que sua *Magestade* Ordenou ao dito respeito; e possa fazer evacuar os sobreditos Terrenos, se nelles houver couzas que devam extrahirse. Na sobredita forma se lavrarão os Actos necessarios em dous differentes Duplicados hum para ficar servindo de Titulo à referida Universidade; e outro para se remetter ao Real Archivo da Torre de Tombo. Coimbra em dezaseis de Outubro, de mil setecentos settenta e dous. — *Marques de Pombal*.

Por ordem de Sua Excellencia. — *João Chrisostomo de Faria e Sousa de Vas.ºs de Sá*.

Autuada esta Provisão, se lhe dé o Seu inteiro e devido Cumprimento. — Coimbra 17 de 8bro de 1772. — *Gil*.

(N.º 13)

*Apresentação da procuração ao diante junta.*

Aos vinte e dous dias do mez de Outubro de mil sette centos e settenta e dous annos nesta Cidade de Coimbra, e Castélllo da mesma pelo Doutor Jozé Joaquim Vieira Godinho Lente da Cadeira de Direito Patrio na Universidade desta mesma Cidade me foi apresentada a Procuração adiante junta; A qual eu Escrivão autuei, e ajuntei a estes autos, de que fiz este termo Henrique Gomes Ferraz Escrivão das Cizas, e nomeado para esta diligencia, que o escrevi.

(N.º 14)

*Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho* do Conselho de Sua Magestade, Reytor da Universidade de Coimbra; Com os Lentes Decanos das Faculdades, e Deputados do Conselho da Fazenda e Estado da Universidade &.<sup>a</sup>

Constituímos por parte da mesma Universidade, bastante, e Legitimo Procurador ao Senhor Jozé Joaquim Vieira Godinho, Lente da Cadeira de Direito Patrio, para que possa tomar posse das Propriedades e Terrenos de que o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado, Vizitador desta Universidade, Plenipotenciario, e Lugar Tenente de Sua Magestade na Nova Fundação e Creação della, Uzando dos Amplissimos e Illimitados Poderes que pelo mesmo Senhor lhe forão concedidos, fez Doação a dita Universidade, e que se individuação na Carta da mesma Doação, fazendo Lavrar das partes de cada huma das referidas Propriedades, segundo a devizão dellas os Actos necessarios com as devidas Solemnidades. E eu Doutor Miguel Carlos da Motta e Silva, Secretario da mesma o fiz em Coimbra aos dezanove de Outubro de mil sette centos settenta e dous annos &.<sup>a</sup>. — *Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho R.º, D. Carlos M.º de Fig.º Pim.º*, Decano em Teolog.º; *M.º Jozé Alz de Carv.º*, Decano de Canones; *Thomas Pedro da Rocha*, Dec.º de Leys; *Miguel Anto Ciera*, Decano de Mathematica; *Domingos Vandeli*, Decano de Filosofia.

[Sêlo da Universidade em lacre vermelho].

(N.º 15)

*Auto de entrega, e posse* do Castello desta Cidade, e portas delle com todos os Terrenos que lhe pertencem ao *Illustrissimo* Reitor, e mais Lentes que constituem o Corpo da Universidade.

*Anno do Nascimento* de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e sette centos e settenta e dous, aos vinte e dous dias do mez de Outubro do dito anno nesta Cidade de Coimbra e Castello da mesma Sendo ahy presentes o Doutor Jozé Gil Tojo Borja e Quinhones do Dezembargo de Sua Magestade que *Deos* guarde e Seu Corregedor com alçada nesta mesma Cidade e Sua Comarca, o Tenente Coronel Guilherme Elsdén, o Capitão Izidoro Paulo Pereira officiaes de Infantaria com exercicio de Engenheiros E bem assim o Doutor José Joaquim Vieira Godinho Lente da Cadeira de Direito Patrio nesta Uuiversidade Procurador da mesma: Ahy pello dito Doutor Corregedor foi lida a Provizão junta a estes autos mandada passar, e assignada pelo *Illustrissimo* e *Excellentissimo* Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado de El-Rey Nosso Senhor Seu Plenipotenciario e seu lugar Tenente na nova fundação da mesma Universidade desta Cidade; E sendo com effeito lida logo elle dito Ministro em virtude, e execução da mesma uzando dos poderes que nella lhe são conferidos fez verdadeira, e Real entrega do Castello desta Cidade, E portas delle com todos os Terrenos que a ellas, e a elle pertencem ao Sobredito Doutor Joaquim Vieira Godinho Procurador da mesma Universidade, e este em virtude da sua Procuração tomou logo posse do referido Castello, e portas delle com todos os Terrenos que lhe pertencem entrando e saindo, fechando, e abrindo portas, e fazendo os mais actos possessorios em Direito Requeridos, e dizendo em intelligivel vóz que tomava posse do mesmo Castello e Suas pertenças em nome de Seus Constituintes para que por meio da mesma e de entrega que se lhe havia feito delle ficasse incorporado no perpetuo dominio da mesma Universidade, a qual posse tomou mança E pacificamente sem duvida nem contradicção de pessoa alguma: O que visto por elle dito Doutor Corregedor lhe ouve a mesma por boa, e legitimamente tomada, Requerida e para constar a todo o tempo do Referido mandou fazer este auto de entrega e posse que com todos os Sobreditos assignou Sendo testemunhas que presentes estavam Filippe de Sá Barreto, e Bernardo Antonio da Cruz ambos desta mesma Cidade que aqui assignarão. E eu Henrique Gomes Ferraz Escrivão das Cizas, nomeado para esta diligencia que o Escrevi. — *Jozé Gil Tojo de Borja, e Quinhones, Guilherme Elsdén Th.º Col, Isidoro Paulo Pereira Cap.º, Joseph Joachim V.º Godinho, Filipe de Sá Barreto, Bernardo Ant.º Crnz.*

## II. — Legendas das figuras reproduzidas dos livros de Costa Simões

As estampas e as gravuras da *Noticia historica dos Hospitaes da Uuiversidade de Coimbra* e da 2.ª edição das *Reconstrucções e novas construcções dos Hospitaes da Uuiversidade de Coimbra* reproduzidas no texto são acompanhadas nos livros de Costa Simões das seguintes legendas explicativas:

### Est. V (Est. 1.ª, fig. 2 da *Noticia Histórica*, pág. 153)

Escada principal (5).

Escada particular (6).

Corredores (7, 7, 7, 7).

Chaminé da cosinha do pavimento inferior (8).

Oratorios das tres enfermarias (9, 9, 9).

Seis quartos d'uma enfermaria comunicados por arcadas (10, 10, 10, 10, 10, 10).

Casa de passagem (11).

Quartos d'outra enfermaria (12, 12, 12, 12).

Casa de passagem e vão d'escada (13, 13).

Sete quartos d'outra enfermaria (14, 14, 14, 14, 14, 14, 14).

Capella (15).

Casas dos empregados e arrecadações (16, 16, 16, 16).

Latrinas (17).

Aula de clinica (18).

Salas de congregações e cartorio (19, 19).

Pharmacia (20).

Escriptorio (21).

Aula de materia medica e pharmacia (23).

Officina pharmaceutica (23).

Drogaria (24).

Casas d'empregados e arrecadações (25, 25, 25, 25, 25, 25, 25, 25).

Corredores (26, 26).

**Est. IX** (Explicação da Est. de pág. 69 do livro *Reconstrucções e novas construcções*, 2.<sup>a</sup> edição)

**COLEGIO DAS ARTES E CÊRCOS**

- 1 — Vedação dos terrenos do hospital.
- 2 — Muralha dos terrenos contiguos ao edificio do hospital.
- 3 — Cêrco do Collegio das Artes, arborizado e arruado.
- 4 — Cêrco do Collegio de S. Jeronymo, idem; ambos para passeio de convalescentes.
- 5 — Entrada principal do Collegio das Artes.
- 6 — Portão de carros.
- 7 — Portão dos cêrcos e do serviço da casa mortuaria.
- 8 — Pavilhões com dois pavimentos de enfermarias e accessorios. Os do N. e O. têm além d'isso lojas, de 7,50 a 8 metros de altura, com abobada.
- 9 — Galerias cobertas, mas abertas, que dão accesso a todos os pavilhões nos dois pavimentos. Córtes de isolamento dos mesmos pavilhões.
- 10 — Capella. Tem á esquerda as escadas para seu serviço exterior; e á direita um terraço de passagem das enfermarias para as latrinas geraes.
- 11 — Latrinas geraes com accessorios para a lavagem e desinfecção dos bacios.
- 12 — Exgottos das latrinas geraes (11) e os do lado S. do edificio.
- 13 — Exgottos da repartição de pharmacia (24).
- 14 — Seguimento das canalisações anteriores para os exgottos da cidade.
- 15 — Exgottos da cosinha no lado E. do edificio; do N. do mesmo; e da casa mortuaria (18).
- 16 — Exgottos do edificio do muzeu.
- 17 — Seguimento dos mesmos exgottos para os exgottos da cidade.
- 18 — Casa mortuaria e sala de disseccções.
- 19 — Alpendre em arcada para abrigo dos convalescentes nas horas de passeio.

**EDIFICIO DE S. JERONYMO**

- 20 — Repartição dos quartos particulares para homens. Aos lados de um vasto corredor de 2,40 de largo, tem quartos de primeira e de segunda classe, alem do refeitório e casa de conversação.
- 21 — Habitações de familia do facultativo interno, do capellão e do enfermeiro fiscal.
- 22 — Repartição da secretaria.
- 23 — Antiga escadaria do collegio, em serviço da secretaria e da administração.
- 24 — Antiga igreja de S. Jeronymo. No rez do chão tem a pharmacia, aula de materia medica e laboratorio respectivo. No primeiro andar, habitações dos empregados superiores da pharmacia. No segundo andar, a habitação do administrador dos hospitaes. As repartições de pharmacia (incluindo os laboratorios do pharmaceutico e dos alumnos) alargam-se por baixo da repartição da secretaria, habitação do fiscal, etc. e pelas arcadas do claustro.
- 25 — Arco do Castello, por cima do qual ha comunicação para a lavanderia, rouparia, etc.

**EDIFICIO DO CASTELLO**

- 26 — Lavanderia do hospital.
- 27 — Estendal ao ar livre.
- 28 — Deposito de combustivel.
- 29 — Rouparia, casa de costura, etc. Na agua furtada do mesmo edificio projectou-se a arrecadação do fato privativo dos doentes (depois de convenientemente desinfectado e lavado), outras arrecadações e colchoaria.

**Est. X** (Explicação da fig. 14, pág. 264, do livro *Reconstrucções e novas construcções*, 2.<sup>a</sup> edição)

**1.º PAVIMENTO DE ENFERMARIAS**

- a — Pateo arborizado, antigo claustro do collegio.
- b — Galerias de serviço, cobertas e abertas (as do antigo collegio).
- c — Pequenos pateos ou cortes para isolamento dos pavilhões.
- d — Corte de baixo de um terraço sustentado em columnas. O espaço d'esse corte accommodará a escada do futuro estabelecimento hydrotherapico, no sub-solo deste lanço W do edificio e no lanço N.

**Pavilhão (A).**

- 1 — Vestibulo da entrada do hospital.
- 2 — Casa de espera e de passagem.
- 3 — Casas do porteiro.

- 4 — Vestiaria de doentes entrados, com a banheira respectiva (compreende o desvão da escada).
- 5 — Casa do banco.
- 6 — Annexos do banco.
- 7 — Sala de espera dos doentes externos.
- 8 — Aula de clinica (a actual) ou pequena enfermaria de 6 camas.
- 9 — Escadas gerais dos dois pavimentos.

**Pavilhão (B-D).**

- 1 — Sala de espera dos doentes.
- 2 — Sala da accettazione dos doentes.
- 3 — Gabinete do administrador.
- 4 — Anexos de accettazione.
- 5 — Casas de passagem para a cozinha, para os cêrcos, para o edificio de S. Jeronymo etc.
- 6 — Latrinas geraes. Casa da lavagem dos bacios e escarradeiras (com a devida desinfecção).
- 7 — Duas latrinas.
- 8 — Latrina do pessoal superior, entre os dois pavimentos de enfermarias.
- 9 — Corredor da mesma latrina.
- 10 — Cysterna sob o terraço do outro pavimento.
- 11 — Massiços de antigas muralhas.
- 12 — Escadas para os cêrcos.
- 13 — Escada exterior da capella do 2.º pavimento.
- 14 — Cozinha.
- 15 — Fogão da cozinha.
- 16 — Mesas de pedra para a lavagem das louças etc.
- 17 — Torneira do abastecimento das aguas.
- 18 — Despensa.
- 19 — Banca de escripturação do despenseiro.
- 20 — Enfermaria de 6 camas, com o seu aparador ao centro.
- 21 — Pequena enfermaria de 2 camas.
- 22 — Enfermarias de 12 camas.
- 23 — Arrecadação dos medicamentos com vidraça fixa sobre a casa de banhos.
- 24 — Casa de banhos.
- 25 — Latrinas, precedidas de pequeno repartimento para lavatorios.
- 26 — Pequena arrecadação ao lado da escada. Compreende o desvão. Por esta escada desce-se para um sotão subjacente, onde ficam os quartos do pessoal de serviço, a pequena cozinha de enfermarias (tisanaria) e diferentes arrecadações, com luz do lado do nascente.

**Subterraneo das latrinas geraes.**

- a — Pias de descarga dos tubos de queda das duas latrinas (7).
- b — Idem dos tubos de queda da casa de lavagem dos bacios (6). Ha outra pia de descarga do tubo de queda da latrina (8).
- c — Uma serie de telhões em curva. Ao lado d'esta caleira vê-se a indicação de degraus no passadiço ou banquetta, Com a mesma letra (c) está designada outra serie de telhões, em linha recta, a entroncar com a serie em curva. O respectivo passadiço lateral não tem degraus.

**Pavilhão (C).**

- 1 — Aula e amphitheatro de operações chirurgicas.
- 2 — Gabinete dos operadores.
- 3 — Anexo á sala das operações.
- 4 — Quarto para operados.
- 5 — Casa de banhos.
- 6 — Enfermaria de 8 camas para operados.
- 7 — Arrecadação de medicamentos.
- 8 — Latrina.
- 9 — Corredor de communicação com a galeria de serviço. Ao lado vê-se a escada para um sotão inferior; o qual comprehende o alojamento do pessoal de serviço, a tisanaria e diferentes arrecadações.

**Pavilhão (E).**

- 1 — Enfermarias de 14 camas com os seus aparadores ao centro.
- 2 — Arrecadações de medicamentos, com vidraça fixa sobre a casa de banhos.

- 3 — Casa de banhos.
- 4 — Latrinas precedidas de lavatorios.

Na arrecadação de medicamentos (2) vê-se uma escada de caracol que dá subida para um sótão sobre os anexos, onde se accommodam em dois quartos de empregados e duas arrecadações.

**Pavilhão (F).**

- 1 — Enfermarias de 14 camas.
- 2 — Arrecadações de medicamentos.
- 3 — Casa de banhos.
- 4 — Latrinas, precedidas de pequenos repartimentos para lavatorios.
- 5 — Quarto disponível.

Ao lado do corredor de serviço para a galeria, vê-se a escada por onde se desce para um sótão subjacente com janelas para o N. Neste sótão estão os quartos do pessoal de serviço, a tisanaria e diferentes arrecadações.

**Est. X** (Explicação da fig. 15, pág. 269, do livro *Reconstrucções e novas construcções*, 2.<sup>a</sup> edição)

**º.2 PAVIMENTO DE ENFERMARIAS**

- a — Claustro do antigo collegio.
- b — Galerias de serviço, cobertas e abertas. Não é essencial a cobertura.
- c — Cortes no antigo edificio para isolamento dos pavilhões.
- d — Terraço neste córte do edificio (no lanço inferior da gravura), servindo de cobertura ao córte adjacente.
- d — Idem (no lanço superior da gravura), servindo de cobertura a parte da cosinha e a toda a dispensa.

**Pavilhão (A).**

- 1 — Escadas geraes (prolongadas até ás aguas furtadas para alojamento do pessoal etc.).
- 2 — Atrio d'este pavimento.
- 3 — Casas da porteira.
- 4 — Laboratorio clinico ou enfermaria de 6 camas.
- 5 — Sala de operações visceraes.
- 6 — Depositos de agua quente e fria, fogão de aquecimento, recipientes antisepticos, etc. Tudo canalizado para o interior da sala de operações.
- 7 — Gabinete dos operadores.
- 8 — Quartos para operadas.
- 9 — Largo corredor, o existente do antigo collegio.

**Pavilhão (B).**

- 1 — Enfermaria de 10 camas com o seu aparador.
- 2 — Arrecadação de medicamentos.
- 3 — Casa de banhos.
- 4 — Corredores.
- 5 — Casa de passagem.
- 6 — Terraço, com a boca da cystema.
- 7 — Casa da lavagem dos bacios e escarradeiras.
- 8 — Duas latrinas.
- 9 — Direcção dum corredor subjacente a este pavimento.
- 10 — Escada exterior da capella.
- 11 — Atrios da capella.
- 12 — Capella.
- 13 — Sacristia.
- 14 — Arrecadações da capella.
- 15 — Quartos de doentes a pagar.
- 16 — Escadas para as aguas furtadas, onde ficam os quartos do pessoal de serviço, a pequena cozinha de enfermarias, e diferentes arrecadações.

**Pavilhão (C).**

- 1 — Aula e amphitheatro de operações cirurgicas.
- 2 — Gabinete dos operadores.
- 3 — Annexo do amphitheatro de operações.
- 4 — Quarto para operados.

- 5 — Casa de banhos.
- 6 — Enfermarias de 8 camas para operados.
- 7 — Arrecadação de medicamentos.
- 8 — Latrinas e lavatorios.
- 9) Corredor para a galeria de serviço. Ao lado vê-se a escada para as aguas furtadas, onde se accommodam diferentes arrecadações, pequena cozinha de enfermarias, e os quartos do pessoal de serviço.

**Pavilhão (D).**

- 1 — Corredores.
- 2 — Enfermarias de 14 camas.
- 3 — Enfermarias de 6 camas.
- 4 — Quartos de doentes a pagar ou para isolamento, ou para enfermaria em casos urgentes.
- 5 — Arrecadações de medicamentos com vidraça fixa sobre a casa de banhos.
- 6 — Casa de banhos.
- 7 — Latrinas, precedidas de pequenos repartimentos para lavatorios. São armadas sobre cachorros de pedra, com paredes de folha de ferro.
- 8 — Escadas para as aguas furtadas, onde ficam os quartos dos empregados, a tisanaria e diferentes arrecadações.

**Pavilhão (E).**

- 1 — Corredores.
  - 2 — Duas enfermarias de 14 camas com os respectivos aparadores ao centro.
  - 3 — Arrecadação de medicamentos, com vidraça fixa sobre a casa de banhos.
  - 4 — Casa de banhos.
  - 5 — Latrinas, precedidas de pequenos repartimentos com lavatorios.
- Na casa de medicamentos (3) vê-se uma escada de caracol (defeituosamente representada) para um pequeno sotão sobre os anexos das enfermarias, onde ha 2 quartos de empregados e duas arrecadações. A escada segue de ai para as aguas furtadas com amplo espaço para todas as acomodações.

**Pavilhão (F).**

- 1 — Corredores.
- 2 — Duas enfermarias de 14 camas.
- 3 — Quartos de doentes isolados ou para outros destinos.
- 4 — Arrecadação de medicamentos com vidraça fixa sobre a casa de banhos.
- 5 — Casa de banhos.
- 6 — Latrinas em forma de chalet, de folha de ferro sobre cachorros de pedra.
- 7 — Escadas para as aguas furtadas, onde ha espaço, á larga, para todas as acomodações.

**Est. XI** (Explicação da est. de pág. 229 do livro *Reconstrucções e novas construcções* 2.<sup>a</sup> edição)

**SECÇÃO DE ENFERMARIAS GERAIS**

- 1 — Estrada do Bairro de Santa Anna para o Penedo da Saudade.
- 2 — Vedação dos terrenos do hospital, acima e abaixo da estrada.
- 3 — Entrada principal defronte da Alameda do Seminario.
- 4 — Portões sobre a estrada (1) para serviço de carros.
- 5 — Comunicação de pé, em tunel, por debaixo da mesma estrada.
- 6 — Pavilhões com uma só enfermaria de 18 camas.
- 7 — Pavilhões duplos com duas enfermarias de 14 camas.
- 8 — Pavilhões triplos com duas enfermarias de 18 camas.
- 9 — Pequeno pavilhão de 8 camas, quando não seja preciso para outros serviços.
- 10 — Pavilhão com sala de operações visceraes, e talvez outra de operações communs.
- 11 — Latrinas, pia de despejo, roupa suja e tina de desinfecção.
- 32 — Paço do Bispo cedido á faculdade de medicina. Pode accommodar aulas de clinica, casas do banco e de acceitação dos doentes, pequeno deposito de pharmacia, pequena capella, diferentes serviços geraes, habitação de empregados, e muitas arrecadações.
- 33 — Anexo do Paço do Bispo. Presta-se a colchoaria, arrecadação de roupas dos doentes e outras arrecadações.
- 34 — Cozinha, despensa, e outros serviços geraes.

As colunas, muito corrompidas, que suportam o telhado do alpendre da capela, são  
lógicas na manufatura, e não se disse.

**SECÇÃO DE MOLESTIAS CONTAGIOSAS**

- 12 — Pequenos pavilhões com 4 camas.
- 13 — Cozinha, rouparia e pessoal d'esta secção.
- 14 — Latrinas, pia de despejo, roupa suja, e tina de desinfecção.
- 15 — Muros de isolamento.
- 16 — Entrada privativa d'esta secção.
- 17 — Comunicação, em casos especiaes, para a secção de enfermarias geraes.

**CASA MORTUARIA**

- 18 — Salas mortuarias e de autopsias, com laboratorios clinicos de chimica, de histologia e de bacteriologia
- 19 — Estufa de desinfecção.
- 20 — Latrinas, etc., isoladas da latrina (11).
- 21 — Portão de serviço mortuario.
- 22 — Portão de serviço da estufa de desinfecção.
- 23 — Outros portões de serviço.
- 24 — Muros de isolamento d'esta secção.

**MATERNIDADE**

- 25 — Pavilhão com dormitorio de parturientes, sala para o trabalho de parto, e quarto de puerperas.
- 26 — Pequena enfermaria de 4 camas para puerperas infecciosas.
- 27 — Cozinha, rouparia e alojamentos do pessoal d'esta secção.
- 28 — Latrinas e accessorios.
- 29 — Entrada privativa d'esta secção.
- 30 — Outra entrada.
- 30 — Muros de isolamento.

Esta secção tem a sua aula de clinica no Paço do Bispo (32).

(Estado actual)

## ADITAMENTO E CORREÇÃO

Estava já adiantada a impressão dêste trabalho quando o Dr. Vergilio Correia me mostrou umas plantas que êle encontrara junto doutros papéis guardados no Museu Machado de Castro.

Podem vêr-se, pelo menos algumas, na nova galeria, contendo documentos referentes à história da Cidade, que o Dr. Vergilio Correia organizou no Museu que dirige.

Trata-se, em primeiro lugar, duma série de desenhos, feitos no século XVIII, representando os vários pavimentos do antigo Hospital da Praça de S. Bartolomeu, e de que só se encontra exposto um na galeria referida.

Depois de mais duas plantas dizendo respeito à maneira de adaptar o Colégio dos Jesuítas a Hospital, seguindo um plano de que falamos e que não teve seguimento.

Era aquele em que havia um Teatro Anatómico de forma oval.

Merecem estas duas plantas especial atenção, porque vêm confirmar a hipótese de que se teria pensado em aproveitar para as enfermarias dois andares do edificio e não um só, como se veio a fazer.

\*

Ao descrever os restos ainda existentes do antigo Hospital de S. Lázaro, cometeu-se, devido à troca duns apontamentos, um êrro por que só se veio a dar quando já estava impressa a passagem respectiva.

(Estado actual)

As colunas, muito carcomidas, que suportam o telhado do alpendre da capela, são góticas ou manuelinas, e não no gosto clássico da renascença, como se disse.

E, a propósito, deve ainda acrescentar-se que se não fez menção; ao descrever os restos dêste Hospital de S. Lázaro, dum pavilhão do século XVIII, que existe em cima, junto da estrada que leva à Estação Velha, porque se pensa que tal pavilhão não pertencia ao Hospital.

Ele não aparece, com efeito, marcado na planta, levantada no comêço do século passado, que aqui se reproduziu.

Por último adverte-se que na pág. 8, linha 16, onde se lê *proporções* deverá ler-se *porções*.

A. P.

MATERIDADE

Pavilhão (E).

- 25 — Pavilhão com dormitório de parturientes, sala para o trabalho de parto e quarto de puérperas.
- 26 — Pequena enfermaria de 4 camas para puérperas infectiosas.
- 27 — Cozinha, toupeira e alojamento do pessoal d'esta secção.
- 28 — Latrinas e acessórios.
- 29 — Entrada privativa d'esta secção.
- 30 — Outra entrada.
- 31 — Outros portões de serviço.
- 32 — Quartos de isolamento d'esta secção.

Pavilhão (F).

- 1 — Corredores.
- 2 — Duas enfermarias de 14 camas.
- 3 — Quartos de doentes isolados ou para outros doentes.
- 4 — Arrecadação de medicamentos com vidraria sobre a qual se acham as latrinas (II).
- 5 — Casa de banhos.
- 6 — Latrinas em forma de chafiz, sobre as folhas de latão.
- 7 — Cozinha, despensa, e outros serviços gerais.

ADITAMENTO E CORREÇÃO

Estava já adiantada a impressão dêste trabalho quando o Dr. Vergílio Correia me mostrou algumas plantas que elle encontrou junto de outros papéis guardados no Museu Machado de Castro.

Podem vêr-se, pelo menos algumas, na nova galeria, contendo documentos referentes à história da Cidade, que o Dr. Vergílio Correia organizou no Museu que dirige.

Trata-se, em primeiro lugar, duma série de desenhos, feitos no século XVIII representando os vários pavimentos do antigo Hospital de S. Bartolomeu, e de que se encontra exposto um na galeria referida.

Depois de mais duas plantas dizenho respeito à planta de S. Lázaro, e do Colégio dos Jesuítas a Hospital, seguindo um plano de que falamos e que não teve seguimento.

Em apele em que havia um Testro Anatómico de forma oval.

Merecem estas duas plantas especial atenção, porque vêm confirmar a hipótese de que se teria pensado em aproveitar para as enfermarias dois andares do edifício e não um só, como se veio a fazer.

Além do mais, a planta do Hospital de S. Lázaro, e a do Colégio dos Jesuítas, mostram a existência de uma enfermaria de 14 camas, e de uma cozinha, despensa, e outros serviços gerais.

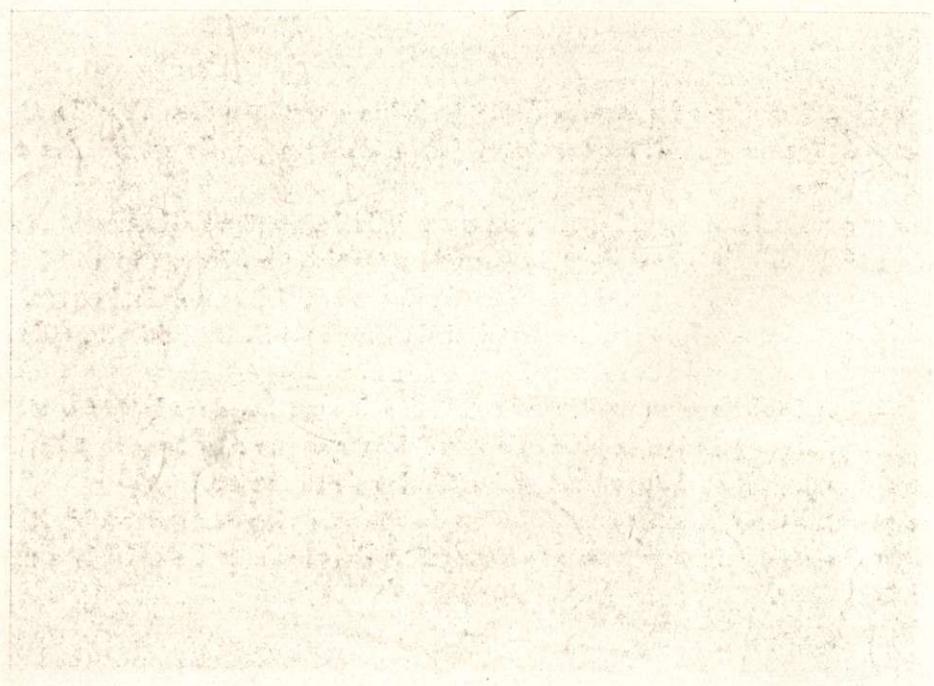
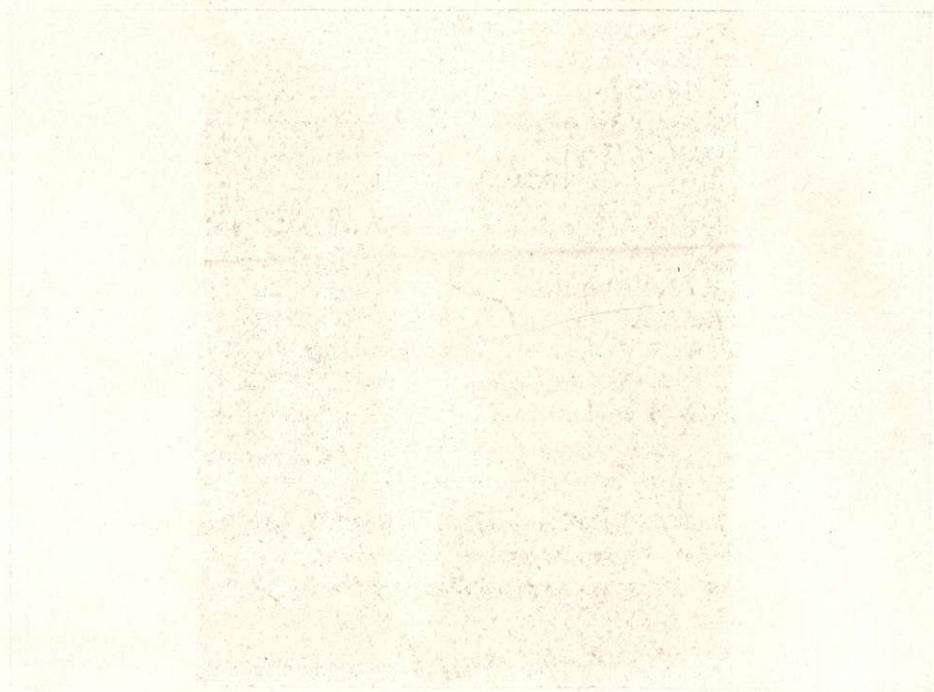
Além disso, a planta do Hospital de S. Lázaro, e a do Colégio dos Jesuítas, mostram a existência de uma enfermaria de 14 camas, e de uma cozinha, despensa, e outros serviços gerais.

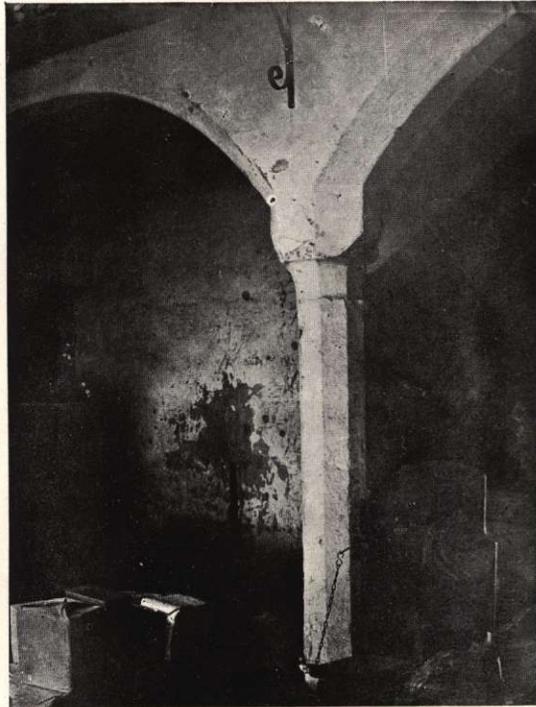


FRONTARIA DA CASA DA PRAÇA VELHA ONDE FOI O HOSPITAL DE D. MANUEL  
(Estado actual)

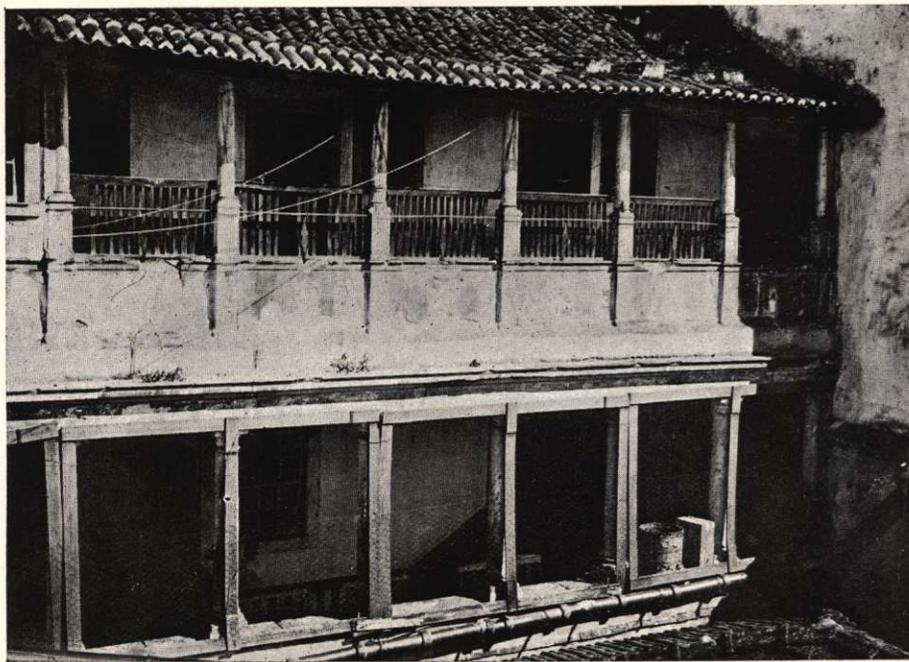


COLUNAS TOSCANAS DO PAVIMENTO INFERIOR DO CLAUSTRO DO HOSPITAL DE D. MANUEL  
(Estado actual)

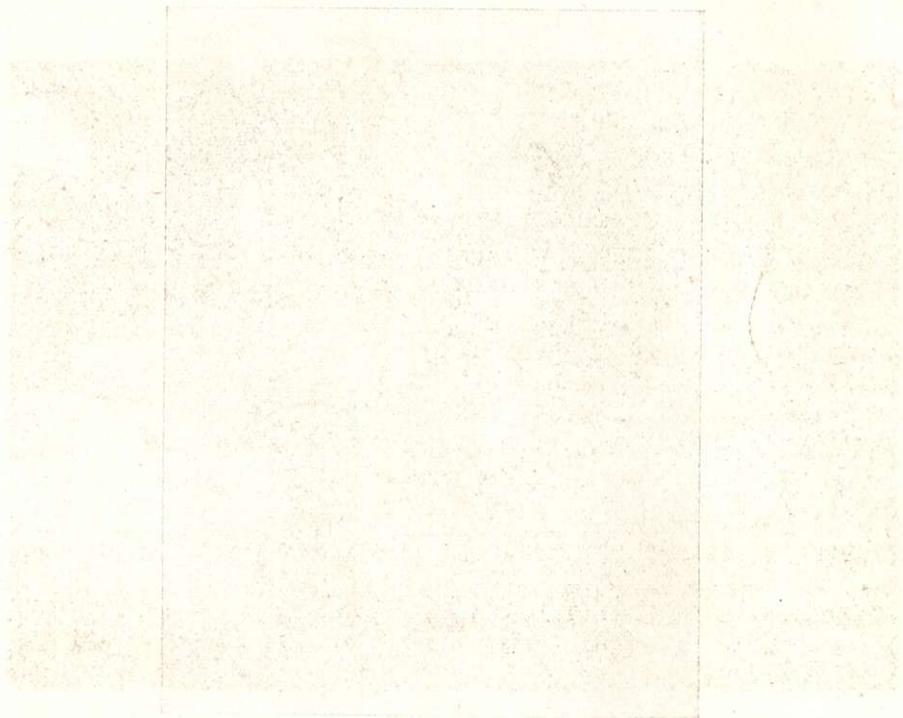




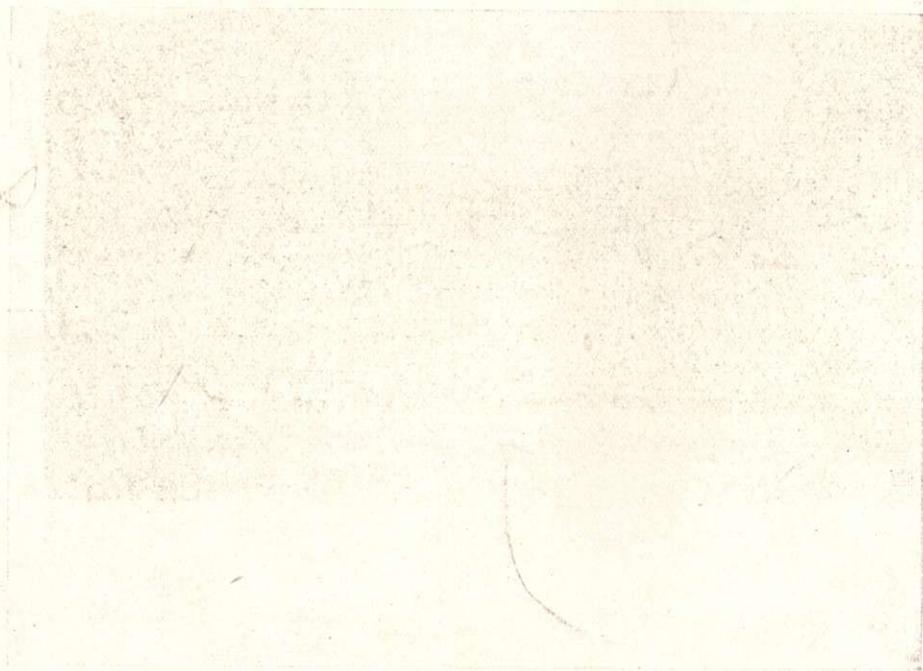
ARCADAS GÓTICAS DO PAVIMENTO INFERIOR DO CLAUSTRO DO HOSPITAL DE D. MANUEL  
(Estado actual)



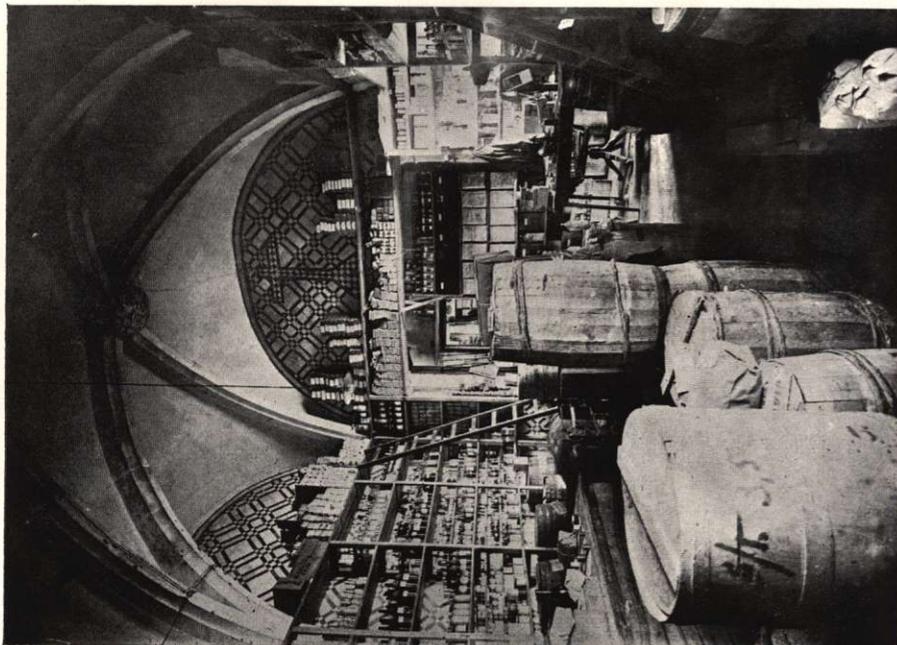
GALERIAS SUPERIORES DO CLAUSTRO DO HOSPITAL DE D. MANUEL  
(Estado actual)



THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY



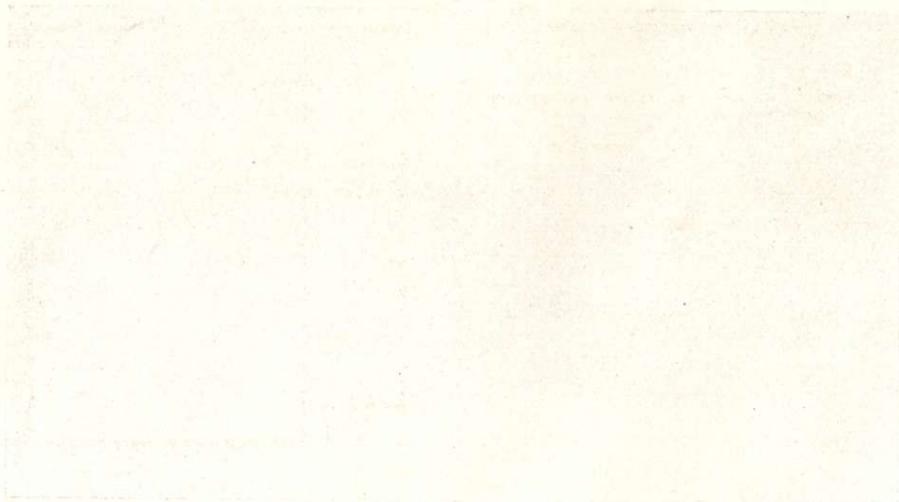
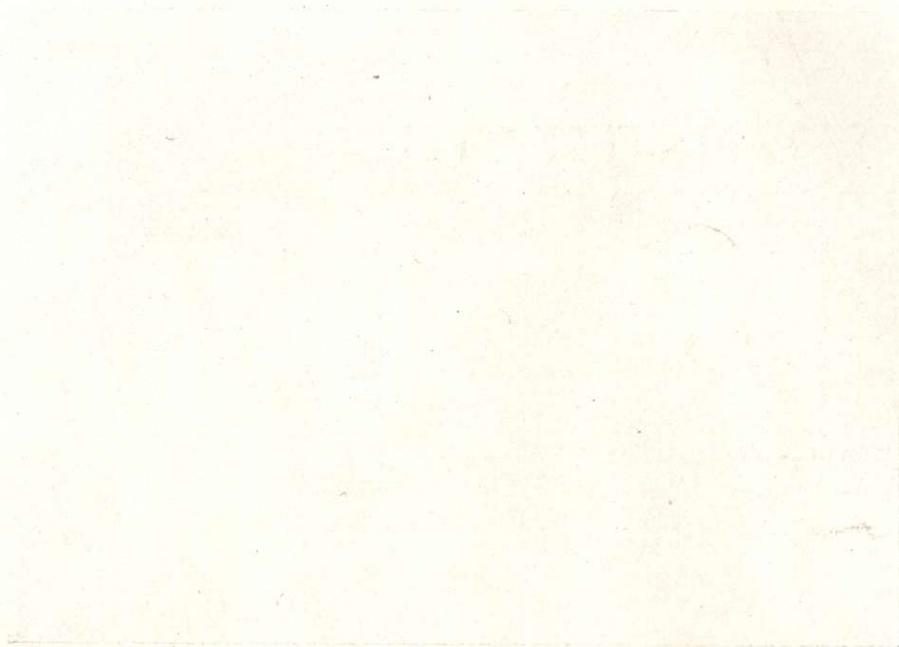
THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY



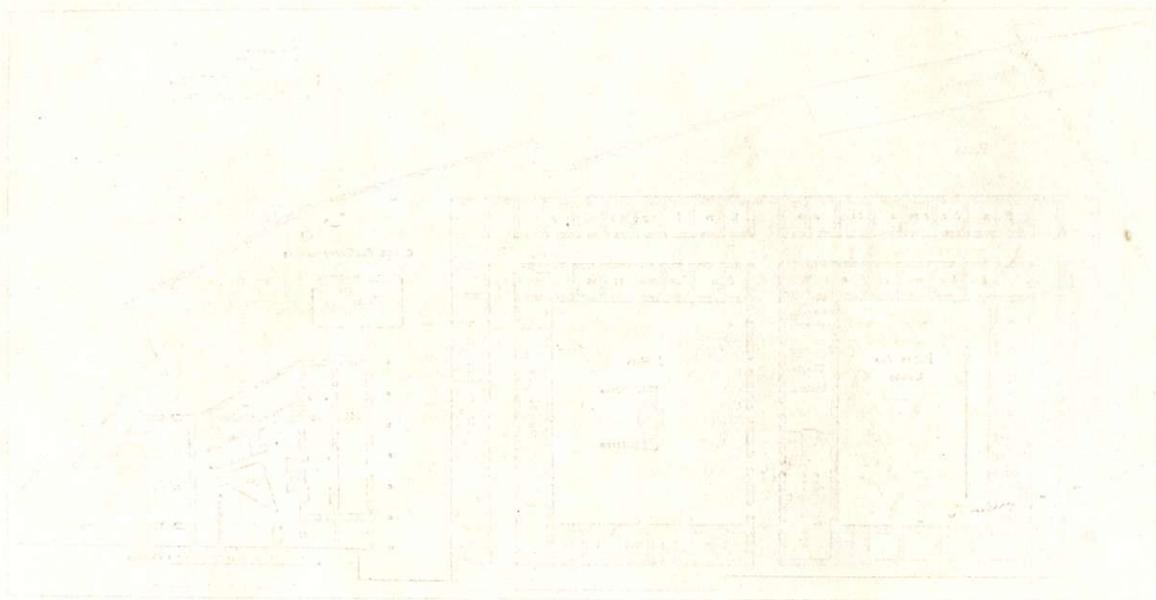
INTERIOR DA CAPELA DO HOSPITAL DE D. MANUEL  
(Estado actual)



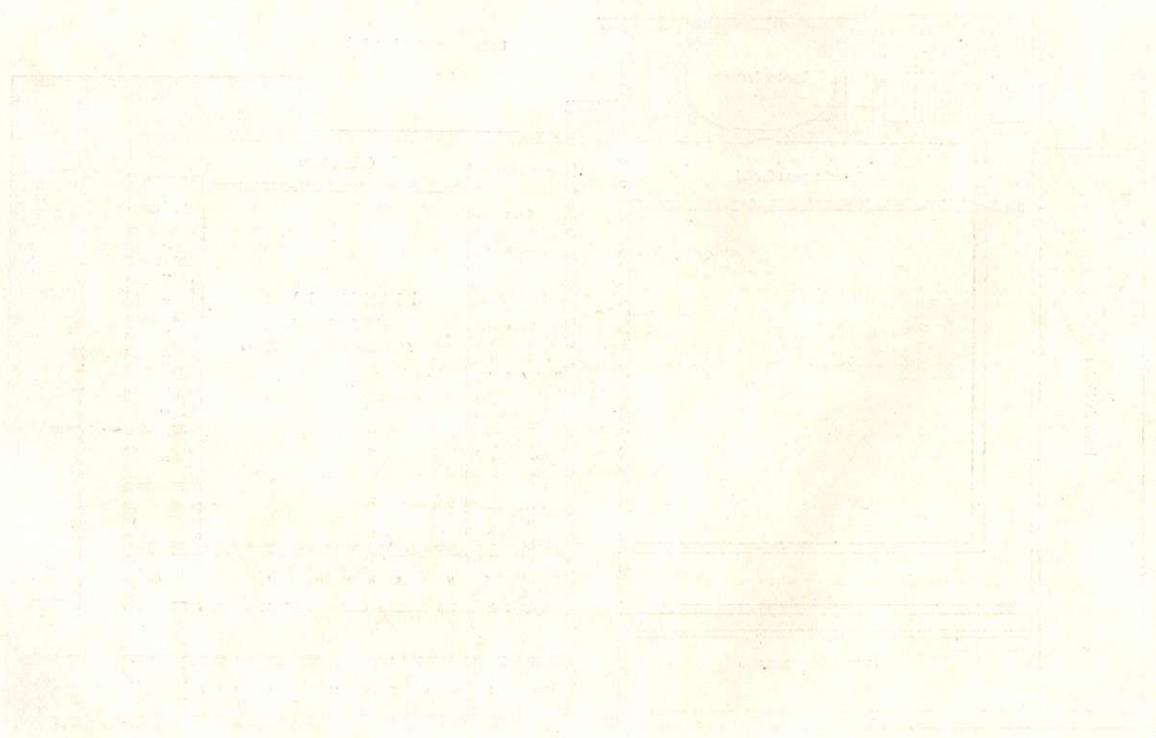
PORTA DA CAPELA DO HOSPITAL DE D. MANUEL  
(Estado actual)







Architectural drawing showing a perspective view of a building with a gabled roof and a detailed floor plan below it.

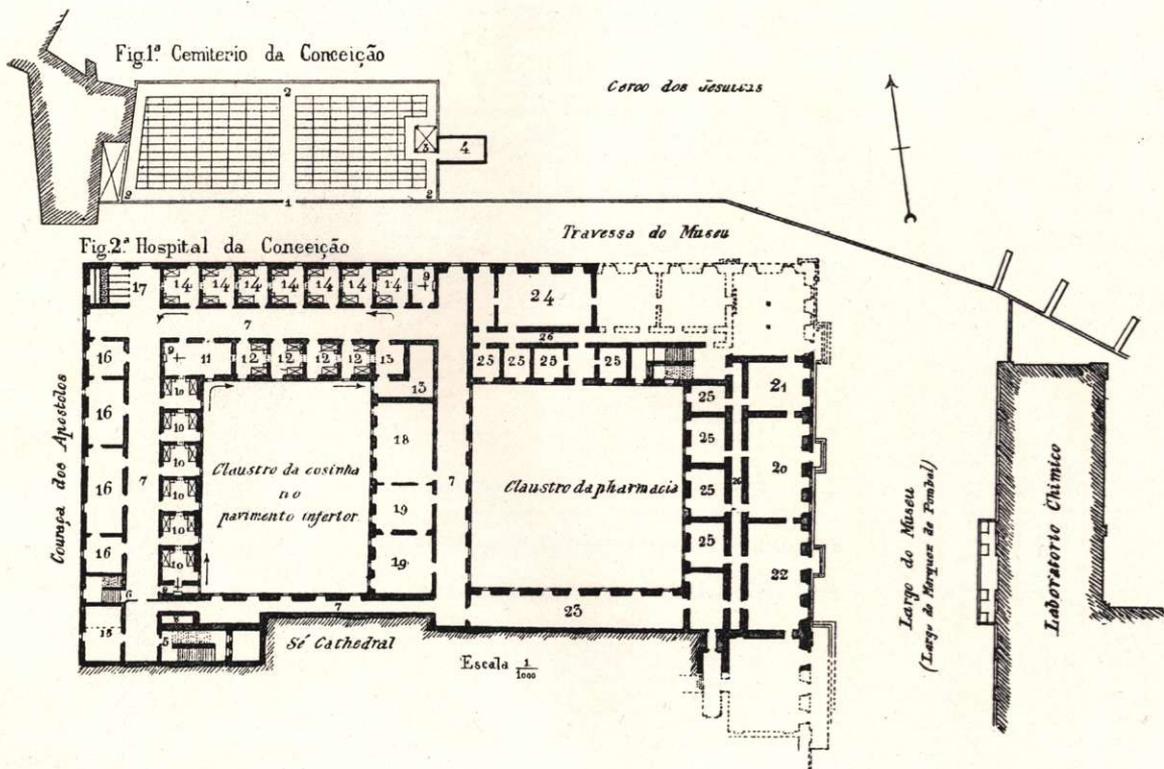


Architectural drawing showing a perspective view of a building with a gabled roof and a detailed floor plan below it.



O COLÉGIO DOS JESUÍTAS (Á ESQUERDA) E O COLÉGIO DAS ARTES (Á DIREITA)  
NOS COMEÇOS DO SÉCULO XVIII

(Reprodução duma estampa antiga)

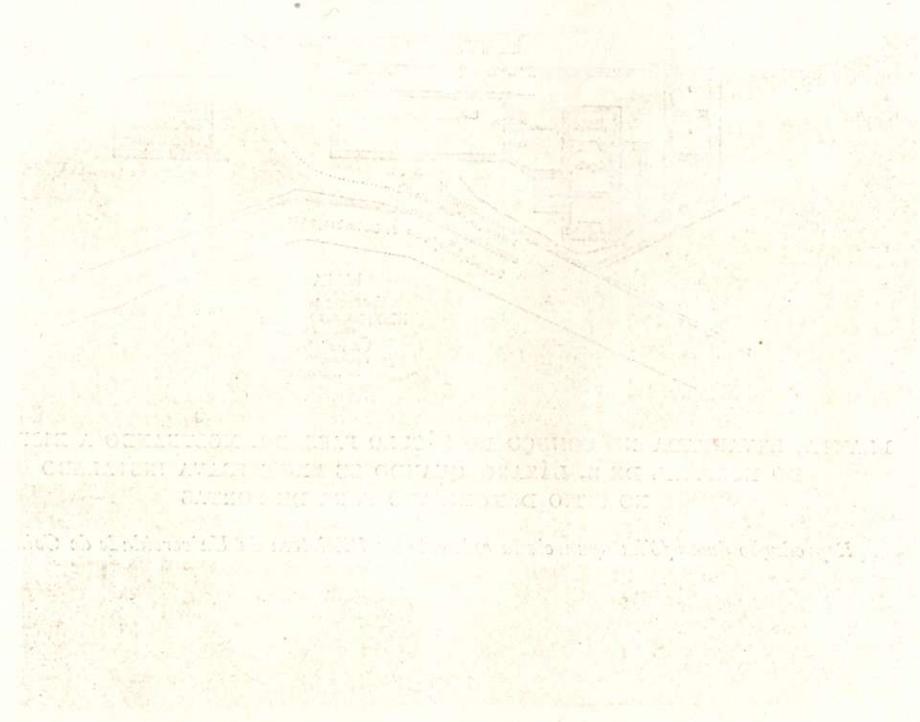
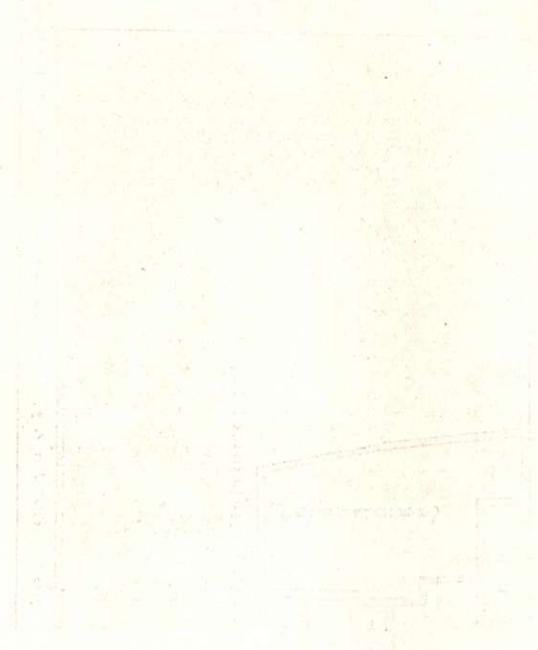


PLANTA MOSTRANDO A DISPOSIÇÃO DO HOSPITAL DA CONCEIÇÃO, INSTALADO NO ANTIGO  
COLÉGIO DOS JESUÍTAS, NA ÉPOCA EM QUE FOI ABANDONADO

(Reprodução duma estampa litografada da «Noticia historica» de Costa Simões)







THESE DRAWINGS ARE THE PROPERTY OF THE  
DRAWING OFFICE AND ARE NOT TO BE  
REPRODUCED OR USED IN ANY MANNER  
WITHOUT THE WRITTEN PERMISSION OF  
THE DRAWING OFFICE.



PORTAL MANUELINO DO ANTIGO HOSPITAL DE S. LÁZARO  
*(Estado actual)*



ALPENDRE DA CAPELA DO ANTIGO HOSPITAL DE S. LÁZARO  
TRANSFORMADO EM CASA DE HABITAÇÃO  
*(Estado actual)*

